



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA

Mariana Barbosa Soares

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E PERCEPÇÃO RELIGIOSA:  
Relíquias e relicários no contexto museológico**

Brasília, DF  
2023

MARIANA BARBOSA SOARES

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E PERCEPÇÃO RELIGIOSA:**

**Relíquias e relicários no contexto museológico**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Museologia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Andréa Fernandes Considera

Brasília, DF  
2023

Sd

Soares, Mariana DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E PERCEPÇÃO RELIGIOSA: Relíquias e relicários no contexto museológico / Mariana Soares; orientador Andréa (a) Dr.(a) Andréa Fernandes C. -- Brasília, 2023. 75 p. Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de Brasília, 2023. 1. Museologia. 2. Documentação Museológica. 3. Objetos Religiosos. 4. Relíquias. I. (a) Dr.(a) Andréa Fernandes C, Andréa, orient. II. Título

**ANEXO III - FOLHA DE APROVAÇÃO****MARIANA BARBOSA SOARES****DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E PERCEPÇÃO RELIGIOSA:**

Relíquias e relicários no contexto museológico.

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

**Andréa Fernandes Considera**Professora da Universidade de Brasília  
Doutora em História (UnB)**Greyciane Souza Lins**Professora da Universidade de Brasília  
Doutora em Ciência da Informação (UnB)**Ana Lúcia de Abreu Gomes**Professora da Universidade de Brasília  
Doutora em História Cultural (UnB)

Documento assinado eletronicamente por **Andréa Fernandes Considera, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 15/02/2023, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 16/02/2023, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Greyciane Souza Lins, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 17/03/2023, às 13:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **9332942** e o código CRC **43F56CC5**.



Dedico este trabalho a todos os religiosos e religiosas, à todos que já sentiram que existe uma beleza oculta que transcende a materialidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus avós maternos (Marcos e Melânia) e a minha avó paterna (Maria América) por terem sido os primeiros a me contar sobre a existência dos santos. Agradeço ao meu tio Paulo que me incentivou a amar a arte e a cultura. Aos meus pais, irmãos e amigos, que aguentaram minhas loucuras, ouviram com paciência as minhas teorias e reflexões, me apoiaram durante as crises e, principalmente, me ajudaram a ver que a Museologia era parte de mim desde muito antes da Graduação. Agradeço, de modo especial, à Paula Cerenita, Mariana Seta, Mayara Rodrigues e Atenea Gomes, por terem escutado os áudios sobre as minhas teorias, resumos dos textos e dúvidas.

Agradeço ao Padre Marcos Sabater, pelo apoio, pelas referências bibliográficas e por me mostrar que ser acadêmica e ser cristã é mais do que uma mera possibilidade. Agradeço ao Dr. Franz Kirchweger, curador do setor de arte medieval do Kunsthistorisches Museum Wien, pela paciência, apoio e, principalmente, por me enviar a documentação em inglês e não em alemão. Meus agradecimentos também a Dr<sup>a</sup> Naomi Speakman, curadora do departamento de Idade Média tardia do British Museum e a Fernanda Alves, curadora da coleção de Ourivesaria e Escultura de Madeira do Museu Nacional Machado de Castro, por todas as informações, pela disponibilidade e assistência.

Agradeço às Professoras Andréa Considera, Ana Abreu, Greyciane Lins, Cláudia Brochado e ao Professor Arthur Gomes, pelas trocas de conhecimento e por todo o suporte que me deram durante o curso e a execução deste trabalho. Agradeço aos demais professores do Curso de Museologia, por terem marcado para sempre minha vida acadêmica, por me ensinarem a pensar em Museologia no meu cotidiano. Agradeço aos membros da Museotec - Consultoria e Serviços em Museologia, pelos trabalhos, pela confiança e pelas experiências maravilhosas que compartilhamos.

Penso que a fé é a extensão do espírito. É a chave que abre a porta do impossível.  
(CHAPLIN, 1965, p. 291)



## RESUMO

O presente trabalho visa explorar, através da análise dos livros de santos (inventários eclesiásticos desenvolvidos desde a Idade Média para a organização e compreensão das coleções da Igreja) e das categorias da hagiografia (relatos da vida dos santos católicos), maneiras para incluir a percepção religiosa, informações relativas a fé que os religiosos depositam sobre os objetos de culto, das relíquias e dos relicários (resquícios deixados pelos santos e seus respectivos invólucros) presentes em acervos de museus nas fichas catalográficas desses objetos, compreendendo a potência e a relevância das práticas de Documentação Museológica para a recuperação da informação e a gestão de acervos. Buscando analisar relíquias e relicários presentes nos museus contemporâneos, foram selecionados objetos do Kunsthistorisches Museum Wien, do British Museum e do Museu Nacional Machado de Castro e suas respectivas fichas de catalogação. Por fim, visa-se elaborar uma proposta de campos informacionais que permitam, sumariamente, a assimilação da percepção religiosa às fichas de catalogação desta tipologia de objetos.

**Palavras-chave:** Documentação Museológica; Relíquias; Relicários; Percepção Religiosa.

## ABSTRACT

This paper aims to explore, through the analysis of the books of saints (ecclesiastical inventories developed since the Middle Ages for the organisation and understanding of the Church's collections) and the categories of hagiography (accounts of the lives of Catholic saints), ways to include religious perception, information related to the faith that the religious deposit on the objects of worship, of the relics and reliquaries (remains left by the saints and their respective wrappings) present in museum collections in the cataloguing sheets of these objects, understanding the power and the relevance of the practices of Museological Documentation for the recovery of the information and the management of collections. In order to analyse the relics and reliquaries present in contemporary museums, objects from the Kunsthistorisches Museum Wien, the British Museum and the Machado de Castro National Museum and their respective cataloguing records were selected. At last, it is intended to elaborate a proposal of informational fields which allow, briefly, the assimilation of the religious perception to the cataloguing files of this typology of objects.

**Keywords:** Museological Documentation; Relics; Reliquaries; Religious Perception.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Campos das Fichas Catalográficas dos Museus 54

Tabela 2 - Sugestões de campos informacionais e seu preenchimento 65

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BM British Museum

Cidoc International Committee for Documentation (Comitê Internacional de Documentação)

Icom International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus)

KMW Kunsthistorisches Museum Wien

MNMC Museu Nacional de Machado de Castro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1- MUSEOLOGIA, RELÍQUIAS E TIPOS DE INFORMAÇÃO.</b>	<b>22</b>
1.1 MUSEOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: HISTÓRIA, TEORIA E PRÁTICAS.	22
1.2 O CULTO AOS SANTOS E ÀS SUAS RELÍQUIAS: ENTRE AS CATEDRAIS E OS MUSEUS	27
1.3 PERCEPÇÃO RELIGIOSA: COMO VER OS ASPECTOS INVISÍVEIS DE UM OBJETO	34
<b>CAPÍTULO 2- RELÍQUIAS E RELICÁRIOS NOS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS</b>	<b>37</b>
2.1 AS RELÍQUIAS NO KUNSTHISTORISCHES MUSEUM WIEN	37
2.2 AS RELÍQUIAS NO BRITISH MUSEUM	42
<b>CAPÍTULO 3- DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E PERCEPÇÃO RELIGIOSA</b>	<b>58</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

Dentre as práticas realizadas nos espaços museológicos, destaco a documentação museológica como uma ação potente que auxilia em todas as demais áreas e ações de um museu, ao mesmo tempo que depende de muitas delas. É na atividade de registro que um objeto se torna efetivamente parte de um acervo museológico. A documentação é um ato político, realizado, segundo María Teresa Marín Torres (2002, p. 75-83), desde a Antiguidade greco-romana.

Pode-se supor que uma prática tão antiga já estivesse plenamente consolidada na contemporaneidade, mas a verdade é que os percursos teórico-metodológicos da história da documentação revelam a complexidade dessa prática. Entendida muitas vezes como uma ação puramente técnica, a documentação surge para suprir uma carência sobre o controle das coleções (TORRES. 2002, p. 8).

Como salientado por Cerávolo e Tálamo (2000), a documentação museológica pode ser entendida de duas maneiras: uma, como ferramenta auxiliadora da pesquisa e que “debruça-se sobre a importância do objeto como documento e suporte de informações significativas para as pesquisas científicas” (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2000, p. 242); a outra perspectiva entende a prática documental de uma maneira puramente técnica, visando apenas a recuperação da informação. A meu ver, a documentação museológica é composta por estas duas visões.

É preciso, no entanto, salientar que a preocupação com a organização e a recuperação da informação é de interesse de toda a Ciência da Informação, considerando ainda que em arquivos, museus e bibliotecas podem coexistir diversos tipos de suportes de informação que requerem tratamento específico. Os bens culturais, quando tratados como suportes de informação, devem ter tratamento informacional que demonstre e possibilite a recuperação da informação de maneira ampla.

No que diz respeito à documentação de acervos sagrados, indiferente de sua matriz religiosa, é preciso considerar aspectos específicos desses objetos. Os objetos de culto possuem uma conexão metafísica, o sagrado que se conecta com o fiel por intermédio dos objetos, ou do que eles simbolizam. A relação entre museus, museologia e objetos religiosos é anterior aos próprios museus. Para Maria Isabel Roque, no período medieval, “os tesouros eclesiásticos cumpriam incumbências inerentes à atividade museológica. Anexos a catedrais ou abadias, os tesouros

serviam de custódia às relíquias de santos e mártires" (ROQUE. 2019, p. 186).

É considerando estes aspectos que este trabalho visa se debruçar sobre o modo como a percepção religiosa das relíquias e dos relicários<sup>1</sup>, pode se fazer presente na documentação museológica destes objetos. Para tal, serão analisadas fichas de catalogação das relíquias e relicários encontrados no British Museum, no KUNSTHISTORISCHES MUSEUM WIEN e no Museu Nacional De Machado de Castro.

Inicialmente, buscava-se analisar o contexto brasileiro, o que não foi possível devido a três fatores: 1) Apesar de muitos museus brasileiros possuírem relicários, são poucos os que possuem relíquias; 2) Alguns museus, que possuem relíquias, não dispõem de informações digitalizadas sobre o acervo e/ou só permitem a consulta das fichas catalográficas de maneira presencial (isto, na verdade, se mostrou uma dificuldade para mim pela escassez de tempo hábil e de recursos para a visitação desses museus) e 3) Poucas foram as instituições que retornaram o meu contato. Deste modo, os referidos museus foram os que apresentaram maior possibilidade de pesquisa.

Estes fatores poderiam desencadear em uma outra pesquisa, voltada para a Gestão de Museus, sobre as dificuldades para realização de pesquisa nos museus brasileiros e, principalmente, o que leva os museus a possuírem relicários sem relíquias. Por mais interessantes que estes caminhos sejam, optei por manter o meu foco original de pesquisa, mas em museus de outros países.

Entre os pesquisadores que se debruçam sobre a temática dos objetos de culto católico musealizados destaca-se Maria Isabel Roque (2011; 2011; 2019), que procura compreender os processos de musealização e exposição destes objetos. Suas reflexões são amplas, explorando objetos de imaginária, mobiliário e utensílios litúrgicos, iconografia e relíquias, com o intuito de compreender sua musealidade e significados anteriores e posteriores a sua entrada no contexto museológico.

A análise do processo documental e curatorial constituintes da musealização de relíquias e relicários pode partir de diferentes matrizes teóricas e objetivos. Neste contexto o trabalho de Bulcão (2020) visa explorar o caráter histórico-artístico dos relicários com base na sua inserção e experiência pessoal no Museu de

---

<sup>1</sup>Segundo Goulão (2008), relíquias "são os despojos materiais deixados por um santo ou uma personagem sagrada ao abandonar o mundo terreno" (p. 3). Relicários são definidos como caixas ou invólucros que salvaguardam relíquias, segundo o Dicionário Aurélio.



Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

Embora não discuta acerca de relíquias e nem de documentação museológica, é de extrema importância referir ao trabalho de Attilio Colnago Filho (2011), que visa compreender os percursos dos objetos sacros de matriz católica e sua incorporação às coleções museais, sob a perspectiva da Conservação e da Restauração.

Pode-se, entretanto, realizar uma aproximação entre a Documentação Museológica e a Conservação, como demonstrado por Ana Igareta (2022), que destaca que a Documentação e a Conservação se auxiliam nas diversas práticas dos museus, recuperando e adicionando informações sobre os objetos.

O objeto desta pesquisa é o tratamento documental<sup>2</sup> das relíquias e relicários presentes em museus. Este objeto é resultado de discussões que envolvem a problematização acerca da recuperação das informações contidas nos livros de santos (inventários eclesiásticos) e nos textos hagiográficos que podem auxiliar nas ações de documentação e pesquisa museológica das relíquias e relicários.

É vasta, no entanto, a diversidade dos objetos que compõem a cultura material eclesiástica cristã. Imaginária, ícones, objetos litúrgicos, dentre outros. As relíquias com seus relicários são apenas exemplos do leque de objetos que fazem parte dessa tipologia de cultura material. Tratar de relíquias e relicários é buscar compreender um imaginário repleto de símbolos que se constroem sobre crenças em milagres e no ideal de uma vida moral. O culto aos santos e em suas relíquias é, segundo Herrmann-Mascard (1977), um fenômeno que se inicia ainda na Antiguidade, tanto na tradição greco-romana quanto na judaica, atingindo seu auge na Idade Média, onde adquire características profundas que se tornam parte fundamental do pensamento cristão medieval.

A relação entre objetos sagrados e museus existe desde os primórdios das coleções e do colecionismo, perpassando os séculos antes de Cristo, mas adquirindo um caráter especificamente religioso no período medieval, conforme as afirmações de Torres (2002, p. 75-83). Segundo Torres (2002), durante a Idade Média, os grupos eclesiásticos colecionavam as relíquias dos santos, *ex-votos* e objetos de imaginária. Essas coleções eram inventariadas dentro das sacristias, catedrais e mosteiros. Esses inventários, denominados livros de santos, serviam como guias ilustrados para

---

<sup>2</sup> Documentacional refere-se aos processos de documentação e tratamento da informação, ao passo que documental se relaciona com a análise de documentos.

as populações não letradas e aos peregrinos. Além disso, as hagiografias contribuíram para demonstrar a vida moral e religiosa dos santos, contribuindo para incentivar o culto às relíquias.

Não posso, de modo algum, dizer que minha pesquisa é original, já que existem diversos autores que se debruçam sobre os objetos sagrados inseridos em um contexto museológico, como Maria Isabel Roque (2011; 2011; 2019), Percival Tirapeli (2020), Menderson Correia Bulcão (2020) e Attilio Colnago Filho (2011) e o *Thesaurus: Vocabulário de Objectos de Culto Católico* (2004). No que diz respeito a trabalhos que buscassem compreender a inserção dos relicários no contexto museal e a documentação e o resgate da informação sobre objetos religiosos de matriz católica, há apenas o supracitado trabalho de Bulcão. Quanto à literatura sobre os relicários, podem-se citar os trabalhos de Brown (1971;1982; 1999; 2013), de Goulão (2008), de Pacheco (2009), de Nascimento (2014), de Nunes Júnior (2013), de Krueger (2015) e de Yasin (2015), que visam a compreensão das relíquias como objetos sacros, históricos e artísticos.

O Objetivo Geral desta pesquisa é compreender quais informações sobre as relíquias foram adicionadas aos inventários eclesiásticos, assim como algumas particularidades temáticas presentes na hagiografia e como elas podem enriquecer a pesquisa e a documentação museológica, em especial nas atividades de catalogação.

Os Objetivos específicos são: 1) apresentar os conceitos/noções/categorias de relíquias, relicários, livros de santos, hagiografia, documentação museológica e percepção religiosa, 2) analisar as fichas catalográficas dos relicários nos museus contemporâneos e 3) elaborar uma proposta de campos informacionais relacionados com os livros de santos e com a hagiografia.

Considerando o objeto de pesquisa, suas problemática, e os objetivos desta pesquisa, procedeu-se ao levantamento de bibliografias especializadas nas temáticas de relíquias, relicários e documentação museológica que permitissem e orientassem tanto a análise dos documentos quanto a elaboração da proposta de campos informacionais que ampliem as práticas documentais das relíquias.

Deste modo, para cumprir o primeiro objetivo (Apresentar os conceitos/noções/categorias de relíquias, relicários, livros de santos, hagiografia, documentação museológica e percepção religiosa), a metodologia a ser empregada é o levantamento bibliográfico que trate a conceituação necessária.

Para trabalhar os conceitos de relíquia e de relicário, esta pesquisa se baseará no texto *RELIQUIAE* (2008), de Maria José Goulão, que define relíquia como resto do corpo da personagem santificada, os seus objetos pessoais ou aquilo que santificou por seu toque (p.3) e de relicário como aquilo que serve para proteger a autenticidade e a integridade da relíquia, acompanhado das reflexões de Nicole Herrmann-Mascard em *Les reliques des saints: Formation coutumiere d'un droit* (1975), sobre a classificação e os processos relacionados a canonização dos santos e de suas relíquias, além das políticas de salvaguarda das relíquias nas igrejas.

No que tange ao conceito de hagiografia e da prática hagiográfica, cabe o artigo de Renata Cristina de Sousa Nascimento (2021) que reflete sobre os usos da hagiografia, o papel da memória, a construção da hagiografia e as tipologias de narrativas hagiográficas.

Visando compreender a história da Documentação Museológica e, por conseguinte, os livros de santos, se trabalhará com as reflexões de María Teresa Marín Torres somadas as compreensões sobre as teorias e práticas museológicas, incluindo a de Documentação, de Suely Moraes Cerávolo.

Por fim, será definida a noção de percepção religiosa a luz das reflexões de Abraham Moles em “Teoria da Informação e Percepção Estética”, compreendendo que a percepção estética origina a informação estética (conectada ao tempo e capaz de fornecer uma mensagem personificada que se associa à um determinado grupo).

No que tange o cumprimento do segundo objetivo (Analisar as fichas catalográficas dos relicários nos museus contemporâneos), visa-se analisar as fichas catalográficas e inventários disponíveis de maneira *on-line*, compreendendo-as como documentos, sintetizando as possíveis lacunas informacionais na Documentação das relíquias e relicários.

As fichas catalográficas analisadas são referentes a objetos que compõem o acervo do British Museum, do Kunsthistorisches Museum Wien e do Museu Nacional de Machado de Castro.

Serão analisados também os livros de santos, disponíveis de maneira digital no portal da Biblioteca Digital de Galícia, no Repositório Virtual da Biblioteca de Andaluzia, no Repositório Documental da Universidade de Salamanca, na Biblioteca Digital de Valência, na Biblioteca Nacional da Espanha e na Biblioteca Britânica, tendo em vista que esses foram os livros encontrados de maneira digital em repositórios e bibliotecas de acesso público. A análise tanto das fichas quanto dos livros de santos

será a luz do referencial teórico utilizado anteriormente.

Por fim, para a realização do terceiro objetivo (Elaborar uma proposta de campos informacionais relacionados com os livros de santos e com a hagiografia), serão retomados os conceitos de hagiografia expostos por Renata Cristina de Sousa Nascimento, somados as compreensões de Igor Teixeira Salomão, os resultados e reflexões sobre a análise dos livros de santos e a noção de percepção religiosa desenvolvida através do pensamento de Moles sobre a percepção estética.

Tendo em vista essas análises documentais baseadas nas referências teóricas que se poderá elaborar uma proposta para acrescentar informação e a possibilidade de preenchimento das lacunas encontradas, com base na recuperação das informações ou lógicas informacionais dos livros de santos e das características de santidade presentes nas hagiografias, considerando que estas características perpassam a compreensão das relíquias de santos.

## **CAPÍTULO 1- MUSEOLOGIA, RELÍQUIAS E TIPOS DE INFORMAÇÃO.**

### **1.1 MUSEOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA: HISTÓRIA, TEORIA E PRÁTICAS.**

As reflexões levantadas na primeira parte deste capítulo têm por objetivo nortear as discussões acerca do tratamento documental das relíquias e relicário no contexto dos museus contemporâneos, pensando também nas especificidades das informações destes objetos somadas a compreensão de que a Documentação Museológica como o conjunto de práticas realizadas em contexto museológico que promovem a recuperação, organização e gestão das informações sobre os bens culturais (materiais ou imateriais) com intuito de demonstrar a profunda relação dos seres humanos com suas manifestações, elaborações e o meio ambiente, incluindo aqui as relações metafísicas dos seres humanos, seu objetos e aquilo em que acreditam.

A história da documentação se conecta com a história do colecionismo, como apresentei brevemente na Introdução com base em Torres (2002). Buscarei aqui associar as reflexões de María Teresa Marín Torres com o histórico dos Museus e da Museologia no mundo ocidental, apresentando primeiramente o conceito de Museologia em que estou me apoiando.

Museologia, segundo Suely Ceravolo, é uma ciência que pode ser entendida como aquela que estuda a "relação específica do homem com a realidade" (CERAVOLO. 2004, p. 240), aquilo que Waldisa Russio denomina de "fato museal". Isto é, a Museologia não é a ciência dos museus, já que seu objeto de estudo o transcende.

Com base na citação de Ceravolo, pode-se entender a Museologia como uma ciência que estuda e pesquisa relações sociais. Deve-se ainda considerar que a “relação específica do homem com a realidade” (CERÁVOLO. 2004, p. 240) se manifesta tanto por meio da cultura material (bens móveis e imóveis) quanto por meio da cultura imaterial (espaços e comunidades, saberes e fazeres, performances, festas e manifestações).

Porém, conforme Ceravolo observa no artigo “Delineamentos para uma teoria da Museologia” (2004), as mudanças paradigmáticas e teóricas que ocorreram para esse entendimento de Museologia são frutos das discussões internacionais que tiveram força nas décadas de 70 e 80 do século XX, especialmente com a criação do Icofom (Comitê Internacional da Museologia, do inglês, International Committee of Museology) em 1977 (CERAVOLO. 2004, p. 237-238).

Sob este aspecto, a criação do Icom e, posteriormente, do Comitê Internacional de Museologia (Icofom) são fundamentais para se entender o pensamento museológico contemporâneo. Para Dominique Poulot (2013), a Museologia é derivada da Museografia, sendo esta preocupada com a “mecânica ideal para a exposição dos objetos” e outras questões técnicas (POULOT. 2013, p.127-129), ao passo que a Museologia, após o estabelecimento da Nova Museologia na década de 1970, se volta para as questões “sociais, filosóficas e políticas” (POULOT. 2013, p.129).

A reflexão de Poulot nos permite questionar se a Documentação é uma prática Museológica ou Museográfica. Trata-se de uma questão terminológica que reflete em uma dimensão mais profunda considerando as reflexões de Ceravolo e Tálamo, apresentadas na Introdução acerca das duas concepções de documentação, que identificam a documentação em duas vertentes, uma reflexiva e outra tecnicista.

Com base em Torres (2002) compreendemos que a gestão da memória artística e gestão documental das coleções existe desde a Antiguidade. A autora cita os trabalhos de Lewis (1982) e Bazin (1969) sobre a classificação do conhecimento e dos *ex-votos* greco-romanos. Estas afirmações permitem pensar sobre a necessidade dos seres humanos, ao menos no mundo ocidental, de classificar, registrar e gerir a memória e os objetos inseridos na ótica do colecionismo.

Torres situa o surgimento dos museus e das experiências museológicas no contexto greco-romano, ao passo que Vinos Sofka pensa que os museus se

desenvolveram a partir “das ‘coleções’ do rei Nabonidus<sup>3</sup> e, um pouco mais tarde, do imperador Adriano” (SOFKA. 2009, p. 80). Independente do contexto geográfico, é válido associar a história dos museus ao colecionismo, considerando a afirmação de Manuelina Cândido: “O hábito de colecionar é uma destas permanências, algo que se insere na mais longa duração entre as atitudes humanas.” (CÂNDIDO. 2013, p.102)

É necessário apresentar esta visão de Torres, Sofka e Cândido para aprofundar na reflexão da autora sobre coleções e a diferença entre documentação museográfica e museológica, isto porque irei me sustentar também na percepção de Pomian (1984) acerca da distinção entre coleção e acúmulo: as fontes informacionais (catálogos, inventário e outros registros dos objetos que compõem a coleção). As coleções museológicas, por sua vez, transcendem as coleções privadas. Para Pomian a coleção não se insere numa ótica comercial e alienável.

Torres define documentação museográfica como “os instrumentos para o controle administrativo, a gestão, o estudo científico e a conservação adequada, exposição e difusão dos acervos dos museus”<sup>4</sup> (TORRES. 2002, p. 50). Para a autora, a partir do artigo de Caballero Zoreda (1988), a documentação museológica seria “o tratamento dos dados existentes nos museus, já que procedem diretamente dos objetos e outras fontes informacionais”<sup>5</sup> (TORRES. 2002, p. 51). Saliento que Cerávolo e Tálamo anotam uma aproximação da documentação de museus com elaboração de registros (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2000, p. 244).

As perspectivas não são excludentes. Retomo a definição de Museologia exposta por Cerávolo para estabelecer o que chamo de Documentação Museológica: conjunto de práticas realizadas em contexto museológico que promovem a recuperação, organização e gestão das informações sobre os bens culturais (materiais ou imateriais) com intuito de demonstrar a profunda relação dos seres humanos com suas manifestações, elaborações e o meio ambiente.

As reflexões sobre a proximidade entre coleções, Museus, Museologia e Documentação Museológica que aqui faço são oriundas da afirmação de Yassuda que considera que, “Quando visto pela Ciência da Informação, o museu é uma unidade de informação que trabalha com a organização, o tratamento, o armazenamento, a

---

<sup>3</sup> Rei da Babilônia durante os anos de 556 e 539 a.C, conforme Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nabonido>. Acesso em 24/10/22 às 08:44 hrs.

<sup>4</sup> Tradução nossa. Original em espanhol.

<sup>5</sup> Tradução nossa. Original em espanhol.

recuperação e a disseminação da informação produzida a partir de suas coleções” (YASSUDA. 2009, p. 15). Tal perspectiva pode ser associada a compreensão de Museologia que considero com base em Cerávolo como a ciência que estuda a relação dos seres humanos com a realidade.

Deste modo, as práticas de documentação se relacionam profundamente com a pesquisa sobre os objetos e sobre os seres humanos que os rodeiam, antes, durante e após a sua entrada no museu. O museu é uma unidade de informação que possui três principais funções, segundo Sofka (2009): “preservar, pesquisar e difundir conhecimento” (SOFKA. 2009, p. 80). A Documentação Museológica pode ser entendida como um conjunto de práticas que contribuem para a preservação, pesquisa e difusão das informações das coleções musealizadas. Cabe aqui uma densa, mas necessária, citação do artigo “Documentação museológica: teoria para uma boa prática”, de Helena Dodd Ferrez:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. Trata-se de vasto campo de aplicação da Museologia que, sobretudo na literatura produzida nos Estados Unidos, confunde-se com o que denominam *Registration* e que a nosso ver é um dos componentes principais do sistema de documentação. A documentação exerce - ou deveria exercer - nos museus um papel primordial. Em alguns países, sua importância vem sendo gradativamente reconhecida, na medida em que o corpo prático-teórico da Museologia se torna menos empírico e os museus passam a atuar mais como instituições sociais, criadas para prestar serviços a uma comunidade que, por sua vez, deve legitimá-las.(FERREZ. 1994, p. 64)

Perpassar pelas afirmações de Ferrez permite pensar que as práticas de gestão informacional realizadas em museus e demais espaços museológicos (aqui compreendidos como locais que possibilitam a profunda relação do homem com o patrimônio cultural e sua realidade) devem ser elaboradas de modo a permitir a pesquisa e a realização das demais ações museológicas (preservação, curadoria e expografia, ações educativas e gestão).

Ainda com base no pensamento de Ferrez, desta vez destacando a compreensão da autora de que os objetos possuem informações intrínsecas e extrínsecas (FERREZ. 1994), pode-se iniciar a discussão sobre quais são as ferramentas de tratamento da informação, aliando o pensamento de Ferrez com o de Cerávolo e Tálamo, de que há três instrumentos básicos de documentação museológica; o registro, o inventário e a catalogação.



Estas reflexões, entretanto, são mais recentes, de modo que para compreender a história da Documentação das coleções, deve-se buscar suas práticas anteriores ao museu moderno e contemporâneo.

Visando o resgate<sup>6</sup> histórico dos processos de gestão da informação de bens culturais, pode-se retomar a compreensão de Torres sobre a existência de práticas documentacionais desde a Antiguidade. Considerando o recorte temático desta monografia (reliquias e relicários), destaco as práticas de gestão da informação sobre as coleções eclesíásticas na Idade Média, período em que se estabeleceu o culto aos santos cristãos.

No segundo capítulo de seu livro, María Teresa Marín Torres afirma que no período medieval os sacerdotes e monges responsáveis pela salvaguarda dos tesouros das igrejas, catedrais e mosteiros, confeccionavam os Livros de Santos, “que eram guias e papéis de *ex-votos*<sup>7</sup> ilustrados com gravuras populares para peregrinos”<sup>8</sup> (TORRES. 2002, p. 51), contendo também a descrição dos objetos sagrados e sua ilustração. A autora também salienta, com base em Pomian (1990<sup>9</sup>), que muitas reliquias encontradas nas igrejas possuíam documentos de autenticação.

Por mais que possa parecer extemporâneo, pode-se notar uma certa semelhança entre os Livros de Santos medievais e os livros de registro dos museus atuais, pois ambos visam um registro sumário dos objetos que compõem o acervo/coleção em salvaguarda. Alinhado a este pensamento a afirmação de Torres (2002) de que, além da descrição dos tesouros, os inventários transcreviam também as formas de aquisição e valor econômico (p.80), torna-se um pouco mais coesa a semelhança entre essas ferramentas.

---

<sup>6</sup> A palavra resgate é aplicada neste texto não com o intuito de se recuperar a informação tal como ela era no passado, mas sim como uma análise do tratamento informacional do passado que será reelaborado para atender as necessidades do presente.

<sup>7</sup> “Abreviação latina de *ex-voto suscepto* (“o voto realizado”), o termo designa pinturas, estatuetas e variados objetos doados às divindades como forma de agradecimento por um pedido atendido”, conforme a Enciclopédia Itaú Cultural, disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5433/ex-voto#:~:text=Abrevia%C3%A7%C3%A3o%20latina%20de%20ex%2Dvoto,agradecimento%20por%20um%20pedido%20atendido>. Acesso em: 22/12/22 às 17:48.

<sup>8</sup> Tradução nossa. Original no espanhol.

<sup>9</sup> POMIAN. Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie, vol.XIV, cols.2.338-2343.1990. Apud: TORRES. 2002, p. 78.

## 1.2 O CULTO AOS SANTOS E ÀS SUAS RELÍQUIAS: ENTRE AS CATEDRAIS E OS MUSEUS

Existem cultos aos mortos e rituais funerários na mais diversas culturas, da mesma forma que existem objetos de devoção nas mais diversas religiões, conforme os trabalhos de Mattoso (1997), Gaarder, Notaker e Hellern (2000), Catroga (2010), Guerreiro (2013) e Menezes (2019). A proposta central desta monografia é pensar como a percepção religiosa<sup>10</sup> dos objetos de devoção pode estar inserida na Documentação Museológica quando tais objetos são musealizados.

O que visou salientar é que, apesar de me atentar neste trabalho às relíquias e relicários, os profissionais museólogos que lidam com a Documentação deveriam refletir sobre as informações de caráter religioso que, muitas vezes, são as razões para a existência desses objetos.

No que diz respeito às relíquias e relicários, pode-se suscitar as especificidades desses objetos através da seguinte citação do texto “RELIQUIAE” de Maria José Goulão.

As relíquias (do latim reliquiae, “restos”), são os despojos materiais deixados por um santo ou uma personagem sagrada ao abandonar o mundo terreno; podem ser partes do seu corpo, objectos pessoais, ou objectos que, segundo os crentes, ele santificou pelo seu contacto. São preservados para efeitos de veneração no âmbito de uma religião, encontrando-se normalmente associados a uma lenda ou história religiosa. (GOULÃO. 2008. p. 1).

Pela concepção de Goulão, entende-se que as relíquias são restos corpóreos, resquícios de tecido e objetos de uso pessoal ou ainda objetos comuns que foram tocados pelo santo ou santa, de modo que sua função inicial não é a de ser um objeto devocional, mas a de ser parte do corpo, a de ser vestimenta ou recipiente para vinho e etc. Isto é, as relíquias são objetos retirados de sua função original para adquirir uma função religiosa. Os relicários, são invólucros que, segundo a mesma autora, servem para a proteção das relíquias. Segundo o Dicionário Aurélio, relicário pode ser entendido como uma caixa, cofre, bolsa ou abditório<sup>11</sup> onde se guarda uma relíquia.

---

<sup>10</sup> A definição de percepção religiosa será no próximo tópico deste capítulo.

<sup>11</sup> Segundo o dicionário Michaelis Online, existem duas definições para abditório: 1) “Relicário, cofre em que se guardam enfeites, paramentos e relíquias de uso em rituais religiosos. 2) Lugar apropriado para se esconder ou guardar alguma coisa; esconderijo, refúgio, toca”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=3Mq>. Acesso em: 22/11/2022 às 17:57 hrs.

Conforme o debate do item anterior (1.1), com base em Torres, as catedrais, igrejas e mosteiros salvaguardavam relíquias de santos e realizavam uma atividade de registro desses objetos. O que agora será debatido é o processo de sacralização e o culto dos restos mortais, e como esses objetos foram submetidos a um novo processo, o de musealização.

Primeiramente, é preciso retomar que o culto dos mortos e de seus restos mortais não é uma exclusividade do cristianismo. Para Herrmann-Mascard (1975) as culturas greco-judaicas do período helênico realizavam cultos aos corpos e túmulos dos patriarcas e heróis. Para José Mattoso, o culto aos mortos se relaciona com a passagem do mundo visível para o invisível, mudança de formas de existência.

A principal diferença entre o culto dos mortos nas diversas religiões e culturas e o culto dos santos cristão, com base nas reflexões de Herrmann-Mascard (1975) é que não se cultua uma pessoa porque ela morreu e se transferiu para um plano espiritual, mas sim o fato de que esta pessoa já demonstrava sinais de habitar este outro plano durante a vida e o modo de sua morte é, na maior parte das vezes, uma prova disto.

Trata-se, deste modo, de um culto ao martírio. Esta devoção aos santos mártires não era, ao menos até a segunda metade do século IV, um culto ao corpo ou ao túmulo destas pessoas. Herrmann-Mascard (1975) salienta que a Igreja do Ocidente se escandalizava e proibia a perturbação do “descanso dos mártires”<sup>12</sup> (p.26), demonstrando uma forte influência da lei romana que protegia os corpos dos defuntos.

O Édito de Milão<sup>13</sup> promove uma conversão massificada dos povos que habitavam o território de domínio romano ao cristianismo, que se torna a religião oficial do Império. Os convertidos, segundo o relato de Herrmann-Mascard (1975) vêem nos santos uma possibilidade de interseção mais próxima, e os seus corpos como símbolos tangíveis da graça divina e dos milagres. Assim, no século IV, começa se esboçar o culto às santas relíquias e, ao mesmo tempo, se abre uma espécie de

---

<sup>12</sup> Tradução nossa. Original em francês.

<sup>13</sup> “O Édito de Milão ou Mediolano promulgado em 13 de junho de 313 foi um documento proclamatório no qual se determina que o Império Romano seria neutro em relação ao credo religioso, acabando oficialmente com toda perseguição sancionada oficialmente, especialmente aos cristãos”. (GOOGLE ART & CULTURE. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/m01sb1b?hl=pt> . Acesso em: 25/10/22 às 12:13 hrs).

temporada de caça aos restos mortais dos mártires<sup>14</sup>.

Possuir uma relíquia se tornou o desejo dos fiéis, ainda que sejam poucos os privilegiados que consigam ao menos tocar esses restos mortais. No início do século V, São João Crisóstomo atribui aos santuários e igrejas que possuem relíquias as mesmas capacidades miraculosas dos corpos santos. Assim se intensificam as peregrinações, em especial a Jerusalém, para adorar as relíquias de Cristo e de sua Crucificação, conforme Renata Cristina de S. Nascimento (2014).

Os santos, intercessores e exemplos de vida moral, perdem seu descanso eterno, seus corpos passam a ser desmembrados e transferidos e tal “divisão das relíquias, consequência inevitável de uma indisciplina, contribuiu para que as relíquias se tornassem objetos de devoção e de cobiça, gerando uma paixão desordenada” (HERRMANN-MASCARD. 1975, P. 29).

Para Jean-Claude Schmitt (2007) a experiência cristã medieval se realizava pela soma das crenças, dos rituais e da manipulação de objetos. Esta reflexão de Schmitt, assim como sua compreensão de que as relíquias dos santos (que por sua vez, são templos de Cristo) testemunham a “vitória de Cristo sobre a morte” (p.285), permite encarar as relíquias como objetos metassimbólicos: simbolizam os santos porque estes simbolizam a Cristo.

Esta ideia de que os santos simbolizam a Cristo, permite pensar que o seu culto não se restringe a adoração das relíquias. Os lecionários litúrgicos apresentam as datas comemorativas dos santos, assim também as iconografias. Esta apresentação só é possível devido ao movimento de canonização que passa a ser realizado pela Igreja, justamente com o intuito de disciplinar e organizar o culto aos santos.

Os santos são cultuados pelo seu exemplo de moral e morte cristã, além das suas realizações miraculosas, deste modo, surge a necessidade de narrar a vida e morte destes personagens através das hagiografias. Com intuito de compreender o papel político do discurso hagiográfico na Idade Média, “é preciso ter em mente que memória neste período é conhecimento, era preciso sustentar este conhecimento através de uma narrativa emocionante, exemplar, sagrada” (NASCIMENTO. 2021, 131)

---

<sup>14</sup> Podendo ser citada a busca de Santa Helena (mãe de Constantino) as relíquias da crucificação na Palestina, conforme Nascimento (2014)

Os santos e suas relíquias muitas vezes realizam milagres e anúncios proféticos, pode se citar as profecias de São Gennaro sobre a Relíquia do Sangue de Cristo<sup>15</sup> e as de Gonzalo Valcárcel sobre as relíquias do Sacromonte<sup>16</sup>. De um modo geral, os trabalhos acadêmicos sobre a temática apontam que as relíquias podem ser citadas em profecias tanto no sentido de que encontrar a relíquia de santo “x” desencadeará o evento “y” quanto no sentido de que uma relíquia pode ser a prova da realização de uma profecia<sup>17</sup>.

Pode-se dizer que as hagiografias são ferramentas de manipulação da memória por se constituírem em narrativas. Falo de narrativa com base em Paul Ricoeur (2014), que destaca a “função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa [...] do esquecimento tanto da rememoração” (RICOEUR. 2014, p.98). Com isto quero dizer que as hagiografias, assim como os processos de canonização, são narrativas de caráter político por meio das quais a Igreja define quem é e quem não é santo, além de quais sentidos de santidade são convenientes para cada período.

No verbete “MEMÓRIA” inserido no “Dicionário Analítico Do Ocidente Medieval”, Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (2017), afirmam que o clero é “o especialista medieval da memória” (LE GOFF. SCHMITT. 2017, p.192), isto é, são os clérigos que selecionavam, dentro da *memorabilia*, as que seriam *memorandas*. Sendo *memorabilia* aquilo que é passível de ser lembrado e *memorandas*, aquilo que é digno de ser lembrado.

Toda essa discussão sobre narratividade e memória torna-se mais nítida ao se considerar o trabalho de Igor Salomão Teixeira acerca da canonização de São Tomás de Aquino, por meio da análise do contexto histórico de sua canonização<sup>18</sup>, as demandas do Papa João XXII e a hagiografia de São Tomás de Aquino escrita por Guilherme de Tocco. Destaco a conclusão do autor:

---

<sup>15</sup> Conforme, Garlaschelli, Ramaccini e Della Sala (1991). Disponível em: <https://www.cicap.org/n/articolo.php?id=100063>. Acesso em: 22/12/2022 às 18:34 hrs.

<sup>16</sup> Conforme Sánchez-Blanco (2002). Disponível em: <https://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/34348/137-166.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22/12/2022 às 18:54 hrs.

<sup>17</sup> Destaco aqui os trabalhos de Lima (2000, 2006), Zupanov (2007) e Calamante (2021).

<sup>18</sup> Papado de Avignon (1305-1378).

A transformação de um depoimento numa narrativa hagiográfica, neste caso, perpassa pela utilização de topos hagiográficos. Os odores, as visões e aparições e o poder de ação e temor que o santo desperta caso o que tem que ser feito não é cumprido, além de compor o imaginário sobre a santidade também faziam parte do arsenal hagiográfico que permitia Guilherme de Tocco, um dominicano, “fabricar um santo” a partir da tradição que sua Ordem Religiosa tinha de compilar essas histórias. Desta forma, acreditamos que analisar processo de canonização e hagiografia permite um olhar mais próximo sobre a santidade do que apenas uma análise dos processos de canonização, como o fez André Vauchez. Na medida em que o olhar sobre uma personagem é visto através das concepções dos interrogados e na versão apresentada pelo hagiógrafo, podemos discutir, além das possibilidades de diferentes santos – de acordo com os grupos sociais analisados –, as especificidades da escrita sobre esses seres excepcionais. (TEIXEIRA. 2008, p. 13)

Com base em Teixeira podemos aproximar a hagiografia e a canonização. Segundo Herrmann-Mascard, o culto a um determinado santo pode ser de origem popular (uma comunidade inicia a comemoração de uma personagem) ou de origem puramente episcopal, no qual os bispos inserem a personagem no calendário litúrgico após o julgamento e a finalização do processo de canonização. O autor aponta que para a inserção no calendário litúrgico é preciso que o santo seja canonizado, de modo que as personagens escolhidas pela comunidade sejam selecionadas pela Corte eclesiástica para receber ou não o título de santo.

A comparação expressa no início do parágrafo anterior se baseia justamente na seleção realizada tanto pelos hagiógrafos quanto pelo clero. Apresentarei brevemente as formas de canonização, tendo como base os apontamentos de Herrmann-Mascard (1975). O primeiro aspecto é “O papel determinante da devoção popular”<sup>19</sup>; o segundo é a “Excepcionalidade da intervenção episcopal”<sup>20</sup>; o terceiro, o que mais nos interessa, é “A elevação”(p. 79-82), que se trata inicialmente de uma ação realizada pelos bispos para regular as devoções, sendo chamada de elevação particular e só no final do século X passa a ser realizada pelo Papa<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Segundo o autor, tratava-se de um processo simplificado de canonização, gerado pelo forte desejo populacional de ter em seu meio o túmulo de um mártir, muitas vezes bastando que a morte pareça injusta para que o defunto receba o título e sua tumba seja cultuada. (HERRMANN-MASCARD. 1975, p.79)

<sup>20</sup> Herrmann-Mascard afirma que são raras as intervenções de um bispo sobre um culto local, sendo mais associada à proibição da devoção em caso de irregularidades, geralmente derivadas pela falta de informação sobre a vida do personagem cultuado. (HERRMANN-MASCARD. 1975, p.81)

<sup>21</sup> “A primeira canonização papal de certo caráter é a de Ulrico de Augsburg, pronunciada em 993 por João XV durante um sínodo romano, e não difere fundamentalmente das anteriores elevações episcopais” (HERRMANN-MASCARD. 1975, p.93)

É a intervenção papal que possibilitou a “elevação dos corpos sagrados nas dioceses suburbanas quando se tratava de depositar o corpo do novo santo em uma igreja ou oratório construído em sua homenagem” <sup>22</sup>(HERRMANN-MASCARD. 1975, p.92). Também é a transferência do poder de elevação dos santos para a Santa Sé que modificará o processo de canonização, até então constituindo simplesmente na inserção do santo no calendário litúrgico e passa a ocorrer principalmente pela publicação de bulas papais, sendo que estas “devem ser pronunciadas em pleno concílio”<sup>23</sup> (HERRMANN-MASCARD. 1975, p.96).

Conforme Nicole Herrmann-Mascardas (1975), devoções populares continuam a exercer um papel fundamental para os processos de canonização”, mas agora como as principais fontes de informação para as investigações preliminares destinadas a estabelecer a santidade do personagem” <sup>24</sup>( p.97)

As bulas de canonização escritas por Inocêncio III são fundamentais para se entender a vida moral exemplar como principal aspecto da santidade, além de definirem que a canonização não é mais regional e sim de caráter universal. Tais aspectos, segundo Hermann-Mascard (1975) são reforçados pelo Concílio de Latrão<sup>25</sup> e a publicação dos Decretos de Gregório IX<sup>26</sup>.

O cânone 62 do Concílio de Latrão se relaciona, na verdade, com a veneração de relíquias, considerando que só poderão ser cultuadas relíquias de santos canonizados e reconhecidos pelos papas, de modo a proibir a canonização particular realizada pelos bispos. Os Decretos de Gregório atuam de forma similar, mas trata da veneração dos santos, que só podem ocorrer se forem canonizados pelos papas.

Todos estes aspectos históricos e regulares do culto dos santos são necessários para compreender a classificação e a autenticidade das relíquias. Segundo Françoise Biotti-Mache (2007) a Igreja Católica, desde o século XVII, divide as relíquias dos santos em três classes: insígnias, relíquias notáveis ou mínimas.

A insígnia corresponde ao corpo inteiro de um santo ou membro, desde que seja íntegro (braço, perna, e cabeça), as relíquias notáveis são partes de um membro ou fragmentos do corpo do santo, por fim, relíquias mínimas são associadas aos

---

<sup>22</sup> Tradução nossa. Original em francês.

<sup>23</sup> Tradução nossa. Original em francês.

<sup>24</sup> Tradução nossa. Original em francês.

<sup>25</sup> Realizado em 1215.

<sup>26</sup> Publicadas em 1234.

objetos tocados pelo santo, conforme Biotti-Mache (2007). Para a autora, tal classificação não demonstra a hierarquia completa das relíquias, considerando que “o menor fragmento da Verdadeira Cruz será sempre infinitamente mais precioso que os corpos santos”<sup>27</sup> (BIOTTI-MACHE. 2007, p. 119).

Assim como os santos, as relíquias passam por processos para seu reconhecimento e autorização de seu culto. Trata-se, na verdade, de uma autenticação com desenvolvimento jurídico muito similar à canonização dos santos, conforme indica Hermann-Mascard (1975). Para as discussões deste trabalho, não é relevante pensar sobre tal autenticidade, já que, sendo verdadeira ou falsa, a relíquia se insere em um plano espiritual que conecta o fiel com o divino, por meio de sua fé.

Se, no imaginário cristão, o simples toque nas vestes de Cristo é capaz de curar doenças<sup>28</sup>, pode-se compreender o fascínio e o desejo das populações medievais em adquirir as relíquias. Para esta monografia, assumirei o seguinte aspecto: a fé no poder miraculoso que as pessoas tinham é mais importante do que buscar realizar um exame e analisar inquéritos sobre a autenticidade das relíquias<sup>29</sup>.

Compreendendo o desejo de posse das relíquias, somado ao alto fluxo das peregrinações aos templos e túmulos dos santos, buscarei pincelar aqui brevemente o papel das relíquias para a Igreja no que tange ao acúmulo de posses materiais derivadas do poder espiritual, com base na seguinte afirmação de Jérôme Baschet (2006):

Além das terras, é preciso incluir entre os bens da Igreja os edifícios, tais como os mosteiros, as catedrais, as dependências e os palácios episcopais. A maior parte é rica em objetos preciosos: decorações murais e tapeçarias, vestes litúrgicas, retábulos e estátuas, altares e poltronas, livros e cruzes, cálices, vasos e relicários, muitas vezes feitos de ouro ou de prata e incrustados de pedras preciosas, todos dotados de um grande valor espiritual e material. Esses objetos, por vezes também dons dos leigos, constituem o "tesouro" de cada igreja: é assim que se nomeia, na época, a coleção de seus relicários, livros e objetos mais preciosos. Tal tesouro, onde o material e o espiritual se misturam indissolúvelmente, é o melhor meio de aumentar ainda mais os rendimentos de uma igreja, pois eles atraem os peregrinos que não economizam suas dádivas para um santo prestigioso e para sua casa na esperança de graças no futuro ou em agradecimento aquelas já recebidas. (BASCHET. 2006, p. 173-174)

---

<sup>27</sup> Tradução nossa. Original em francês.

<sup>28</sup> Faço aqui uma referência ao Evangelho de Lucas (8, 40-55) no qual uma hemorroíssa é curada ao tocar as vestes de Cristo.

<sup>29</sup> Destaco as relíquias que serão analisadas, dentro de seu contexto museológico, no próximo capítulo.



O que Baschet expressa é uma espécie de papel econômico desempenhado pelas relíquias. Esta compreensão contribui para pensar sobre o fluxo de trocas, vendas e tráficos de relíquias, em especial durante o período das Cruzadas, segundo relata Biotti-Mache (2007). O trânsito de relíquias, o comércio (em especial das réplicas), o roubo e as doações são os fatores que possibilitaram que laicos possuem relíquias.

Essas razões que contribuíram para a difusão das relíquias no contexto medieval não nos permitem afirmar como tais objetos foram inseridos no contexto museológico. Antes de realizar esta análise, no entanto, busco apresentar, no próximo tópico, o conceito de percepção religiosa, perpassando também por algumas questões específicas sobre as relíquias que já foram debatidas.

### 1.3 PERCEPÇÃO RELIGIOSA: COMO VER OS ASPECTOS INVISÍVEIS DE UM OBJETO

A principal base teórica que utilizarei para trabalhar a definição de percepção religiosa é o livro de Abraham Moles: *Teoria da Informação e Percepção Estética* (1978). Moles trabalha com informação aplicada à música, fato que não permite uma utilização completa dos conceitos e reflexões do autor, e simultaneamente, possibilita análises fundamentais para se estabelecer uma relação entre informação, percepção e as temáticas já debatidas neste capítulo.

Moles discorre no quinto capítulo<sup>30</sup> de seu livro sobre as duas formas de informação, a semântica e a estética. A informação semântica é aquilo que é um código de “caráter nitidamente utilitário, mas sobretudo lógico, aderindo ao ato e a significação” (MOLES. 1978, p.191-192). Trata-se de uma tipologia informacional que é comutável de um canal para o outro, é traduzível. Parte de uma lógica universal estruturada, enunciada, traduzível e que serve para preparar ações.

A informação estética, por sua vez, é intraduzível, se refere a um repertório de elementos comuns entre o transmissor e o receptor. Só faz sentido para um grupo detentor de um certo código. Não prepara decisões, nem tem objetivo propriamente dito. Ligada ao interior de um grupo ou crença, é específica para o canal que a transmite, acaba sendo alterada na mudança de um canal para o outro (MOLES. 1978. p.191-192).

---

<sup>30</sup> MOLES, Abrahan. *Teoria da informação e percepção estética*. 1978.

Como salientado por Moles (1978), a informação semântica e a informação estética se correlacionam; elas, em conjunto, agregam informação a um objeto. O código pode fazer sentido para apenas um determinado grupo, e ainda assim seguir padrões lógicos e traduzíveis. A seguinte fala de Moles poderá demonstrar um pouco melhor a relação entre estes dois modos de informação:

Com efeito, mensagens de conteúdo puramente semântico e puramente estético não são senão limites, pólos dialéticos. Toda mensagem real comporta sempre, intimamente, misturadas, certas proporções de uma e de outra. Se a informação semântica que se dirige a aspectos universais da estrutura mental do indivíduo é bastante fácil de se medir e se determinar objetivamente, o que a torna melhor conhecida. Ao contrário, a informação estética é aleatória, específica no receptor, por quanto varia de acordo com seu repertório de conhecimento, de símbolos, de estrutura a *priori*, sendo muito mal conhecida e difícil de se medir. Admitiremos, todavia, é a hipótese mais simples e mais válida, que ela obedece às mesmas leis gerais que regem toda informação e que ela se mede da mesma maneira *mutatis mutandis* com unidades apropriadas (MOLES. 1978, p. 196).

O autor trata a informação estética como intraduzível, pois parte de uma subjetividade. Quanto a isto, gostaria de salientar que a informação estética e a religiosa derivam de experiências subjetivas que, ao serem tratadas como experiências, podem acarretar uma intersubjetividade, algo que pode ser traduzível (ou ao menos compreendido) por um grupo que não compartilha dessa experiência, algo possível nos processos de documentação museológica.

Para aproximar as falas de Moles com que vem sendo debatido até agora, é preciso retomar algumas reflexões a respeito da documentação museológica sobre as quais me debrucei no início deste capítulo. Viso aqui demonstrar que todas as informações relacionadas às características físicas, históricas e artísticas, quando inseridas no processo de Documentação Museológica, são informações do tipo semântico.

Moles trabalha com a divisão entre a semântica e a estética, mas assumirei aqui que, no contexto da Documentação Museológica, as informações que compõem os campos básicos das fichas de catalogação<sup>31</sup> dos objetos religiosos se referem tanto a informação semântica (informações intrínsecas, no sentido expresso por Ferrez)

---

<sup>31</sup> Assumindo os campos listados pelo Cidoc-Icom, conforme a Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus: Categorias de Informação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC - ICOM).

quanto a informação estética (informações extrínsecas, ligadas aos movimentos artísticos e ao caráter histórico do objeto).

Para a maior parte das tipologias de objetos presente nos acervos museológicos estes dois modos de informação podem bastar, mas eles não contemplam os múltiplos sentidos dos objetos religiosos. Isto é, documentar o caráter material, histórico e artístico não permite o resgate das informações metafísicas dos objetos de culto, independente da matriz religiosa.

Estou aqui apontando a necessidade ampliar as formas de se documentar os objetos musealizados que possuem caráter religioso. Isso não quer dizer que o museólogo precise acreditar na religiosidade por trás do objeto, mas sim tornar essas informações utilizáveis para a expografia, a conservação, o educativo e as demais áreas dos espaços museológicos.

Aqui está o cerne desta pesquisa: como a Documentação Museológica pode demonstrar e resgatar a percepção religiosa das pessoas que cultuam os objetos que por “n” motivos passaram a fazer parte dos acervos museológicos? Pensaremos em percepção sob a ótica de Merleau-Ponty (1999), aquilo que se manifesta no mundo das sensações somada ao pensamento da Gestalt de que “a percepção não é o conhecimento exaustivo e total do objeto, mas uma interpretação sempre provisória e incompleta” (NOBREGA. 2008, p. 141).

Unindo a perspectiva de Merleau-Ponty com a de Moles, pode-se pensar em uma nova categoria de informação: a percepção religiosa. Trata-se do resgate dos elementos e informações referentes à fé que perpassa tais objetos. Saliento que não é preciso que o profissional museólogo acredite ou defenda a religião, o que é necessário é a compreensão de que tal religiosidade afetará no modo como esta categoria de objeto será tratada no contexto museológico.

Pensando nas relíquias e relicários, deve-se considerar a conexão desses objetos com os relatos de milagres, com datas comemorativas da Igreja e com a vida dos santos. Isso, mais uma vez, independe de sua autenticidade. O importante para a percepção religiosa é que alguém sente e alguém crê, alterando assim a função do objeto e a sua relevância. O desafio do último capítulo desta monografia é pensar em como transformar a percepção religiosa em informação semântica, possibilitando o resgate dessas informações de fé no contexto da Documentação Museológica, mas primeiro é preciso apresentar quais são as informações semânticas que estão presentes na catalogação dos objetos museológicos.

## **CAPÍTULO 2- RELÍQUIAS E RELICÁRIOS NOS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS**

### **2.1 AS RELÍQUIAS NO KUNSTHISTORISCHES MUSEUM WIEN**

O objetivo deste capítulo é analisar as fichas catalográficas dos relicários nos museus contemporâneos, com base no referencial teórico exposto no primeiro capítulo. Iniciarei esta análise com as relíquias encontradas no Kunsthistorisches Museum Wien, considerando que há neste museu duas relíquias que se relacionam com a crucificação de Jesus: a Partícula da Verdadeira Cruz<sup>32</sup> e a Lança Sagrada<sup>33</sup>.

Para compreender a inserção destes objetos no acervo do museu, é preciso apresentar brevemente o KMW. O acervo do KMW reúne as coleções da Casa de Habsburgo, iniciadas por Fernando II, Rudolf II e Leopoldo Guilherme entre os séculos XVI e XVII, mas as obras dessas coleções só foram exibidas ao público no século XVIII e transferidas para o Palácio de Belvedere em 1781 quando a galeria se tornou aberta ao público geral. Foi em 1891 que outras coleções imperiais foram somadas à coleção dos Habsburgo e transferidas para o prédio Ringstrasse, atual prédio do museu, conforme o site do KMW<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Tradução nossa. Original em alemão: “Die Kreuzpartikel”.

<sup>33</sup> Tradução nossa. Original em alemão: “Die Heilige Lanze”.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.khm.at/en/visit/collections/picture-gallery/history-of-the-collection/>  
Acesso em 08/11/2022 às 10:21 horas.

Neste capítulo, não me aprofundei nos objetos em si. A preocupação central neste momento é em apresentar a estrutura das fichas catalográficas de cada instituição. Antes de apresentar as fichas, faz-se necessário apresentar a explicação fornecida pelo Dr. Franz Kirchweger, curador do departamento de arte medieval do KMW, acerca da lógica do número de inventário dos objetos:

Ambas relíquias - a Lança Sagrada (inv SK WS XIII 19) e a Partícula da Cruz Verdadeira (inv SK WS XIII 20) - fazem parte de um conjunto maior chamado "Insígnia e Regalia do Sacro Império Romano". Estes diferentes objetos - insígnias, vestes e relíquias - foram guardados em Nuremberg de 1424 a 1796. Em 1796, durante a Revolução Francesa, Nuremberg foi evacuada. Em 1800 eles foram trazidos para Viena para serem guardados em segurança. Após o fim do Sacro Império Romano em 1806, eles permaneceram em Viena e se tornaram parte do Tesouro Imperial. Os bens do Tesouro Imperial já haviam sido separados em dois grandes grupos, desde o século XVII: um Tesouro Secular e um Tesouro Eclesiástico. Durante o século XIX, toda a coleção da dinastia dos Habsburgos foi reorganizada. A Insígnia e a Regalia do Sacro Império Romano no Tesouro (SK= Schatzkammer) foram inventariadas no contexto da Tesouraria Secular (WS = Weltliche Schatzkammer) como um grupo especial com o número XIII (outros objetos foram organizados em grupos também com números como XIa ou XIV). O último número especifica os objetos individuais, começando com 1 para a coroa, seguido dos objetos utilizados durante as cerimônias de coroação em épocas anteriores (até 18). No século XIX foi tomada a decisão de inventariar todo o grupo como uma entidade histórica proveniente do Sacro Império Romano (XIII), embora compreenda tipos tão heterogêneos de objetos, como insígnias, vestes e relíquias. (KIRCHWEGGER, Franz. Inventory of the objects. Mensagem recebida por <Franz.Kirchweger@khm.at> em 23/11/22).<sup>35</sup>

Esta explicação fornecida pelo curador permite que se compreenda que a numeração dos objetos funciona sob a seguinte lógica: Período histórico (SK, sendo o Sacro Império Romano-Germânico)\_ Coleção conforme a tipologia de objeto (WS se referindo a Tesouraria Secular)\_ XIII (sendo o número que representa todos os objetos que se conectam ao Sacro Império Romano-Germânico que foram inventariados no século XIX)\_ 00 (o número do objeto de acordo com sua ordem de entrada no museus). No caso dos objetos SK\_WS\_XIII\_19 (Lança Sagrada) e SK\_WS\_XIII\_20 (Partícula da Verdadeira Cruz), pode-se entender que são o 19º e o 20º itens da Tesouraria Secular do Sacro Império Romano-Germânico que foram catalogados no século XIX.

O modelo de ficha de inventário adotado pelo KMW possui os seguintes campos informacionais: Número de inventário; Denominação; Local de produção;

---

<sup>35</sup> Tradução nossa. Original em inglês.

Título; Classificação; Data de produção; Material e técnica; Dimensões; Descrição; Inscrições; Associação; Procedência; Exposições; e Literatura<sup>36</sup>. As imagens 1, 2 e 3

KUNST  
HISTORISCHES  
MUSEUM  
WIEN

Weltliche Schatzkammer

<b>Inv.Nr.</b>	SK_WS_XIII_20
<b>Objekt</b>	Reliquie; Reliquiar
<b>Ort</b>	Prag (?) (Fassung)
<b>Titel</b>	Die Kreuzpartikel
<b>Klassifizierung</b>	Reliquiar
<b>Zeit</b>	nach 1350
<b>Material/Technik</b>	Kiefernholz; Gold, Farbüberzug
<b>Maße</b>	Kreuzpartikel: L. 23,5 cm; Reliquiar: H. 31,3 cm,
<b>Beschreibung</b>	
<b>Bezug</b>	
<b>Provenienz</b>	1246 Übergabeinventar Konrads IV.; 1350 Übergabeinventar Karls IV.; 1423 Übergabeinventar König Sigismunds; 1928 Repertorium, Nr.49
<b>Ausstellungen</b>	
<b>Literatur</b>	Kirchweger 2019, 5, S. 144-145 Kuthan/Royt 2018, S. 574 Lindemann 2016, S. 60-77 BK Schatzkammer 2015, S. 59 AK Nürnberg 2013a, S. 170 Toussaint 2011, S. 100 Wien 2010a Keupp 2009, S. 50f Kirchweger 2009, S. 45-49 Kubinová 2006, S. 399 BK Wien 2005b, 9 BK Wien 2005c, 2, S. 30 BK Wien 1987, S. 164 Schlosser 1918, S. 55



referem-se às fichas da Partícula da Verdadeira Cruz (SK\_WS\_XIII\_20) e da Lança Sagrada (SK\_WS\_XIII\_19).

Imagem 1- Ficha catalográfica do objeto SK\_WS\_XIII\_20.

<sup>36</sup> Tradução nossa. Original em alemão.

Imagem cedida em 30 de junho de 2022 pelo Dr. Franz Kirchweger. Idioma da ficha: alemão.

KUNST  
HISTORISCHES  
MUSEUM  
WIEN

Weltliche Schatzkammer

<b>Inv.Nr.</b>	SK_WS_XIII_19	
<b>Objekt</b>	Reliquie; Waffe; Insigne	
<b>Ort</b>	Karolingisch	
<b>Titel</b>	Die Heilige Lanze	
<b>Klassifizierung</b>	Insigne	
<b>Zeit</b>	8. Jh., Silbermanschette: 2. Hälfte 11. Jh; Goldmanschette: 3. Viertel 14. Jh.	
<b>Material/Technik</b>	Stahl, Eisen, Messing, Silber, Gold, Leder	
<b>Maße</b>	L. 50,7 cm, Gewicht 968 g	
<b>Beschreibung</b>	Flügellanze, aus dem Lanzenblatt ausgestemmt der Mittelgrat, an seiner Stelle ein ornamental geschmiedeter Eisenstift	
<b>Inscript</b>	Silbermanschette: "CLAVVS DOMINICVS + HEINRICVS D(E)I GR(ATI)A TERCIVS ROMANO(RVM) IMPERATOR AVG(VSTVS) HOC ARGENTVM IVSSIT FABRICARI AD CONFIRMATIONE(M) CLAVI D(OMI)NI ET LANCEE SANCTI MAVRICII . SANCTVS MAVRITIVS."; Goldmanschette: LANCEA ET CLAVVS DOMINI"	
<b>Bezug</b>	Passionsreliquien (Longinuslanze; Kreuznagel) □ zahlreiche Kopien bekannt; s.a. Jeffrey Vallance	
<b>Provenienz</b>	1246 Übergabeinventar Konrads IV.; 1350 Übergabeinventar Karls IV.; 1423 Übergabeinventar König Sigismunds; 1928 Repertorium, Nr.48	
<b>Ausstellungen</b>		

Na Imagem 1, tem-se a ficha catalográfica do objeto SK\_WS\_XIII\_20, a Partícula da Verdadeira Cruz. Os campos que se encontram em branco são "Descrição", "Associação" e "Exposições", sendo que não há nesta ficha o campo "Inscrições". No que diz respeito à Lança Sagrada, objeto SK\_WS\_XIII\_19, o único campo que não se encontra preenchido é "Exposições", conforme as imagens 2 e 3.

Imagem 2- Ficha catalográfica do objeto SK\_WS\_XIII\_19.

Imagem cedida em 30 de junho de 2022 pelo Dr. Franz Kirchweger. Idioma da ficha: alemão.

KUNST  
HISTORISCHES  
MUSEUM  
WIEN

Weltliche Schatzkammer

---

- Literatur** Kirchweger 2019, 5, S. 144-159, 162  
 Mattison 2019, Vol. 58, No. 1, S. 78  
 Kuthan/Royt 2018, S. 567f, 571, 573  
 AK Prag - Nürnberg 2016/2017, S. 90, 179f, 182f  
 Lindemann 2016, S. 60, 77  
 Andenmatten/Ripart 2015, 1, S. 134f  
 BK Schatzkammer 2015, S. 59  
 AK Paris 2014a, S. 22f  
 AK Nürnberg 2013a, S. 109, 125f, 170, 174, unter Kat. Nr. 3.25 auf S. 109; unter Kat. Nr. 3.41 auf S.  
 Andert 2013, S. Ab S. 13  
 Hanak-Lettner 2011, S. 158  
 Schulze-Dörrlamm 2011, 58, S. 707-742  
 Toussaint 2011, S. 97ff  
 Kirchweger 2010, 102-112, S. 33-38  
 Wien 2010a  
 Keupp 2009, S. 11, 48f  
 Kirchweger 2009, S. 45-49  
 Lukacs 2009, S. 63f  
 Schier/Schleif 2009, S. 103-134  
 Kubinová 2006, S. 226f, 399f  
 BK Wien 2005b, 9  
 BK Wien 2005c, 2, S. 28  
 Schreiner 2004, S. 259-302  
 BK Wien 1987, S. 159  
 Schlosser 1918, S. 12, 16, 17, 34, 43-46, 54, 88, 92, 99

Imagem 3- Ficha catalográfica do objeto SK\_WS\_XIII\_19.

Imagem cedida em 30 de junho de 2022 pelo Dr. Franz Kirchweger. Idioma da ficha: alemão.

Este modelo de ficha permite apenas a visualização de alguns dados básicos sobre os objetos, as informações intrínsecas e apenas alguns aspectos de sua procedência. Deste modo, faz-se necessário consultar a literatura para se conhecer o objeto. Não há informações quanto ao estado de conservação dos objetos, autoria, formas de aquisição e seu histórico.

Pode-se dizer que o modelo de ficha tem como objetivo apenas identificar os objetos de uma maneira sumária. Não há nenhuma informação sobre o profissional responsável pelo seu preenchimento.



## 2.2 AS RELÍQUIAS NO BRITISH MUSEUM

O BM foi criado em 1753 por meio de um ato parlamentar. Boa parte de seu acervo inicial derivou-se da coleção privada de Sir Hans Sloane, e continuou crescendo por meio das coletas, compras, doações e outras formas de aquisição<sup>37</sup>, conforme o site do museu. Atualmente, todos os itens estão disponíveis para consulta de modo on-line.

Além de visualizar o objeto pela internet, o sistema de coleção on-line do BM permite o acesso completo às fichas catalográficas de todos os objetos e suas associações por meio da utilização de hiperlinks. Para o presente trabalho, serão analisadas as fichas dos objetos 1902.0625.1 (Altar Portátil), 1902.0625.1d (Relíquia têxtil de São Bonifácio) e 1902.0625.1m (Relíquia têxtil de São Jacinto).

A curadora da seção de Europa medieval do departamento de Pré-História da Europa e da Bretanha, esclareceu a logística de numeração dos itens, afirmando que nem todos os departamentos do museu utilizam dos mesmos critérios para numerar os objetos.

Os primeiros quatro números (1902) indicam o ano de aquisição do objeto, os quatro números seguintes registram a data de registro (06 sendo junho e 25 sendo o dia daquele mês) e o número final anota que foi a ordem em que foram registrados os objetos neste dia. O próprio altar tem o número 1902.0625.1, mas para todos os maços de relíquias mantidos dentro dele, eles recebem uma letra adicional no final do número de registro para mostrar que fazem parte de um grupo e estão associados uns aos outros. Nem todos os números de registro de objetos do museu estão neste formato, mas muitos seguem este sistema. (SPEAKMAN, Naomi. Request for documentation and information to items of the medieval collection. Mensagem recebida por <NSpeakman@britishmuseum.org> em 23/11/22).<sup>38</sup>

Como sinalizou a curadora, as relíquias e o relicário sobre os quais me debruço foram registrados em 06 de junho de 1902. Tanto a relíquia de São Bonifácio (1902.0625.1 d) quanto a de São Jacinto (1902.0625.1 m) são parte do conjunto de relíquias encontradas dentro do Altar Portátil (1902.0625.1).

Neste capítulo, apresentarei a ficha do objeto 1902.0625. (Altar Portátil) deixando as duas relíquias (1902.0625.1d e 1902.0625.1m) para uma análise mais

---

<sup>37</sup> Vale lembrar que muitos itens do acervo do BM derivam de ações colonialistas e que diversos pedidos de repatriação são solicitados pelos governantes dos países que foram colônias britânicas.

<sup>38</sup> Tradução nossa. Original em inglês.

profunda no terceiro capítulo. Por ora, basta apresentar o modelo de ficha catalográfica e destacar suas características e campos informacionais. O BM adotou as normativas do Cidoc para o sistema de catalogação, contendo os principais campos sugeridos pela Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus do Cidoc.

As imagens de 4 a 11 apresentam a ficha do Altar Portátil, em inglês. Os campos informacionais são: Denominação, Número de Inventário, Descrição, Período e Cultura, Data de Produção, Local de Produção, Materiais, Técnicas, Dimensões, Inscrições, Referências, Localização, Assuntos, Aquisição, Aquisição, de Registro e

Imagem 4-  
objeto



## altar; reliquary; relic; miniature

### Object Type

altar

reliquary

relic

miniature

### Museum number

1902,0625.1

### Description

Portable altar; red stone probably a shelly limestone; mounted in gilt-copper, engraved with symbols of the Evangelists and figures of St Peter, St Andrew, St Stephen and St Lawrence, with two walrus ivory carvings of the Crucifixion and Virgin and Child; also two miniatures painted on vellum of St Godehard and St Bernard, both Bishops of Hildesheim, under rock crystal; inscribed with name of donor and names of the numerous saints whose relics have been found in a cavity beneath the stone.

Comentários do Curador, Bibliográficas, Histórico de exposições, Associações, Forma de Procedência, Data de Departamento, Número Conservação<sup>39</sup>.

Ficha catalográfica do  
1902,0625.1.

<sup>39</sup> Tradução nossa. Original em inglês.

The British  
Museum

### Cultures/periods

Late Medieval

### Production date

1190-1200

Capturas de tela

retiradas do endereço

### Production place

Made in: Lower Saxony (state) (?)

Europe: Germany: Lower Saxony (state)

Made in: Koblenz (Rhineland Palatinate) (?)

Europe: Germany: Rhineland-Palatinate  
(state): Koblenz (Rhineland Palatinate)

### Materials

limestone (?)

copper

ivory

gold

rock crystal

human bone (?)

hair

### Technique

gilded

painted

engraved

carved

[https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1). Acesso em 28 de novembro de 2022 às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.

Imagem 5- Ficha catalográfica do objeto 1902,0625.1.

Capturas de tela retiradas do endereço [https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1). Acesso em 28 de novembro de 2022 às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.

Imagem 6- Ficha catalográfica do objeto 1902,0625.1.

The British  
Museum

### Dimensions

Length: Length: 354 millimetres

Width: Width: 251 millimetres

### Inscriptions

Inscription type: inscription

Inscription language: Latin

Inscription content:

ThIDERICVS:ABBAS:III:DEDIT

Inscription translation: Abbot Theodoric III  
gave me

Inscription note: Identifies the donor as  
Theodoric III, Abbot of St Godehard,  
Hildesheim (1181-1204).

Inscription type: inscription

Inscription position: reverse

Inscription language: Latin

Inscription note: In vernis brun, names of  
saints whose relics are/were contained.

Inscription type: inscription

Inscription language: Latin

Inscription content: SCS PETRVS

Inscription translation: Saint Peter

Inscription type: inscription

Inscription language: Latin

Inscription content: SCS STEPHANVS


Inscription translation: Saint Stephen

Capturas de tela

retiradas do endereço

[https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1) Acesso em 28 de novembro de 2022  
às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.

## Imagem 7- Ficha catalográfica do objeto 1902,0625.1.



Inscription type: inscription  
 Inscription language: Latin  
 Inscription content: SCS ANDREAS  
 Inscription translation: Saint Andrew

Inscription type: inscription  
 Inscription language: Latin  
 Inscription content: SCS LAVRENTIUS  
 Inscription translation: Saint Laurence

---

**Curator's comments**

Olwen Williams-Thorpe examined this in October 1995 and considered that the stone was not Imperial porphyry but a sedimentary shelly limestone, see letter from her to John Cherry dated 30.10.95.[jc 1.7.1996].

---

**Bibliographic references**

Dalton 1909 / Catalogue of the Ivory Carvings of the Christian Era with Examples of Mohammedan Art and Carvings in Bone in the Department of British and Mediaeval Antiquities and Ethnography of the British Museum (69)

Bagnoli, Klein, Mann & Robinson 2011 / Treasures of Heaven: Saints, Relics and Devotion in Medieval Europe (66)

Robinson 2008 / Masterpieces of Medieval Art (p. 69)

Hahnloser and Bruqer-Koch 1985 / Corpus

Capturas de tela

retiradas do endereço

[https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1). Acesso em 28 de novembro de 2022 às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.

## Imagem 8- Ficha catalográfica do objeto 1902,0625.1.

The British  
Museum

der Hartsteinschliffe des 12.-15.  
Jahrhunderts (5)  
Robinson et al 2014 / Matter of Faith: An  
Interdisciplinary Study of Relics and Relic  
Veneration in the Medieval Period (p.100,  
pl.1)

---

#### Location

On display (G40/dc4) (G40/dc4)

---

#### Exhibition history

Exhibited:

2011 23 June-9 Oct, London, BM, 'Treasures  
of Heaven'


2011 13 Feb-8 May, Baltimore, Walters  
Museum of Art, 'Treasures of Heaven'

2010-2011 17 Oct-6 Jan, Ohio, Cleveland  
Museum of Art, 'Treasures of Heaven'

2006-2007 23 Sept-7 Jan, Sheffield,  
Millennium Galleries, 'Art at the Rockface'

2006 22 May-3 Sept, Norwich Castle  
Museum and Art Gallery, 'Art at the  
Rockface'

1988 15 Jul-20 Nov, Germany, Hildesheim,  
Diözesan Museum, Der Schatz von St  
Godehard

View less 

---

Capturas de tela

retiradas do endereço

[https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1). Acesso em 28 de novembro de 2022

às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.

## Imagem 9- Ficha catalográfica do objeto 1902,0625.1.



The British  
Museum

**Subjects**

christian cleric

bird

mammal

saint/martyr

crucifixion

angel

virgin and child

---

**Associated names**

Emblem of: St Matthew

Emblem of: St Mark

Emblem of: St Luke

Emblem of: St John the Evangelist

Representation of: St Peter

Representation of: St Andrew

Representation of: St Stephen

Representation of: St Laurence

Representation of: Virgin Mary

Representation of: Jesus Christ

Representation of: St Godehard

Representation of: St Bernward, Bishop of

Hildesheim

Named in inscription: Abbot Theodoric III

---

**Acquisition name**


Purchased from: Durlacher Bros

---

Capturas de tela retiradas do endereço [https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1). Acesso em 28 de novembro de 2022 às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.



Imagem 10- Ficha catalográfica do objeto 1902,0625.1.



**Previous owner**  
Previous owner/ex-collection: Conte C W de Renesse-Briedbach  
Previous owner/ex-collection: Sellières  
Previous owner/ex-collection: Thomas David Gibson Carmichael, 1st Baron Carmichael  
Previous owner/ex-collection: Prince Pierre Soltykoff

---

**Acquisition date**  
1902

---

**Department**  
Britain, Europe and Prehistory

---

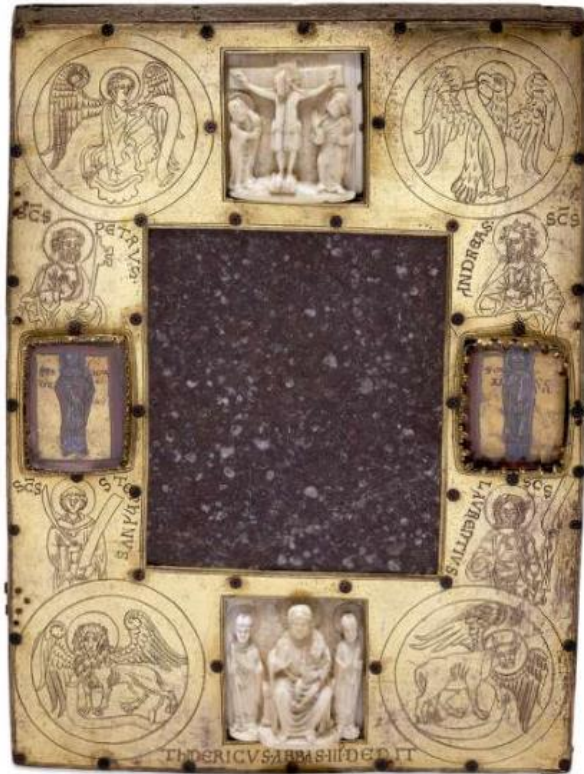
**Registration number**  
1902,0625.1

---

**Conservation**  
Treatment  
Treatment  
Treatment  
Treatment  
Treatment  
Treatment  
Treatment

Capturas de tela retiradas do endereço [https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1). Acesso em 28 de novembro de 2022 às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.

Imagem 11- Ficha catalográfica do objeto 1902,0625.1.



Capturas de tela retiradas do endereço [https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1902-0625-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1902-0625-1). Acesso em 28 de novembro de 2022 às 09:20 horas. Idioma da ficha: inglês.

O modelo de ficha adotado pelo BM permite uma maior recuperação de informações sobre o objeto, permitindo também uma ampla visualização dos termos associados por intermédio dos hiperlinks. Trata-se de uma catalogação virtual que pode ser eficaz tanto para o pessoal do museu quanto para pesquisadores externos.

### 2.3 AS RELÍQUIAS NO MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

Segundo o site da Câmara Municipal de Coimbra, o museu foi fundado em 1911 e aberto ao público em 1913, ocupando o prédio do Paço Episcopal. O edifício é um exemplo de construções romanas em Portugal, mas possui influência da arquitetura muçulmana. Seu acervo é composto por obras de arte e artefatos arqueológicos, e homenageia o escultor português Joaquim Machado de Castro (1731-1822).

O modelo de ficha adotado pelo MNMC em seções (Inventário, Descrição, Representação, Autoria, Produção, Datação, Informação Técnica, Dimensões,

Conservação, Origem/História, Incorporação, Localização, Bibliografia, Exposições e Observações), que por sua vez são divididas em campos, como por exemplo na Seção Autoria, se encontram os campos Nome, Ofício e Tipo.

Me debruçarei sobre a ficha do Relicário dos Mártires de Marrocos, cujo número de inventário é 6089;O23. Quanto ao seu número de inventário não foram encontradas informações, apesar das tentativas de contato com o museu.

As imagens de 12 a 16 são referentes à ficha catalográfica do objeto. A seção Incorporação merece um pequeno destaque, pois se pode comparar como uma junção entre os campos Forma de Aquisição e Procedência presentes no modelo de ficha do BM.

Imagem 12 - Ficha catalográfica do objeto 6089;O23.

INSTITUTO  
DOS MUSEUS  
E DA CONSERVAÇÃO

Património Móvel



**Inv. : 6089;O23**

Título: Relicário dos Mártires de Marrocos  
Denominação: RELICÁRIO  
Instituição / Proprietário: MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO  
Super-Categoria: Arte  
Categoria: Ourivesaria  
Publicado na internet

**Descrição**

---

Relicário em forma de caixa rectangular com a parte superior em arco abatido, mostruário moldurado e envidraçado, contendo uma relíquia óssea.

Reverso revestido por lâminas de prata dourada com a base prolongada por apoio triangular.

A moldura do mostruário compõe-se de estreitas lâminas recortadas com decoração vegetalista incisa, sendo o motivo principal uma faixa entrelaçada por folhas sobre fundo de linhas oblíquas. No intradorso da moldura as ombreiras e a base são recortadas em forma de folhas estilizadas apresentando a parte superior, no extradorso do arco, um renque de flor-de-lis recortado, e, no intradorso, um arco trilobado, vazado e recortado com as terminações fiordelisadas.

As lâminas que revestem os lados apresentam decoração idêntica à da moldura do mostruário.

Todas as lâminas são fixadas por pregos de prata de cabeça abaulada.

No reverso, de lâminas lisas, apresenta ao centro, inciso o brasão de armas da Abadessa Dona Catarina d'Eça.

A relíquia insere-se na representação do Martírio dos Santos Franciscanos no estilo da pintura coimbrã do Séc. XVI.

Uma fiada de pérolas muito incompleta contorna internamente o mostruário, e duas séries de cabochões, azuis, vermelhos e verdes, ladeiam a relíquia.

Imagem cedida em 18 de novembro de 2022 pela curadora Fernanda Alves.

## Imagem 13 - Ficha catalográfica do objeto 6089;O23.

### Representação

#### Heráldica/insígnia

No reverso, brasão de armas da Abadessa Dona Catarina d'Eça - escudo com as armas de Portugal, sem orla, cantonado de quatro castelos, e, tendo por bordadura o cordão de S. Francisco que se prolonga em cruz sobre os escudetes das quinas.

### Autoria

Nome	Ofício	Tipo
Henrique Domingues e António Domingues	Ourives	Autor

### Produção

### Datação

Ano(s) 1514 dC

### Informação técnica

Matéria Prata, vidro e madeira. Pedras: 13 granadas rodolite, 1 granada hessonite, 8 vidros (3 verdes e 5 azuis). 32 Imitações de pérolas: 8 pérolas romanas- vidros ocos pintados por dentro, 24 outras imitações fibrosas de pérolas.

Técnica prata dourada, incisa, vazada e recortada. Pedras em cabochão. Alma de madeira

Precisões sobre a técnica granadas rodolite em cabuchão, três são facetadas. 3 vidros verdes em cabuchão.

Imagem cedida em 18 de novembro de 2022 pela curadora Fernanda Alves.

Imagem 14 - Ficha catalográfica do objeto 6089;O23.

<b>Dimensões</b>		
Altura <b>36 cm</b>		
Largura <b>26,6 cm</b>		
Espessura <b>6 cm</b>		

<b>Conservação</b>		
<b>Estado de Conservação</b>		
Estado	Especificações	Data
Regular		1998-2-10

<b>Origem/Historial</b>
<p>Historial</p> <p>• Forma de Protecção: classificação;</p> <p>Nível de Classificação: interesse nacional;</p> <p>Motivo: Necessidade de acautelamento de especiais medidas sobre o património cultural móvel de particular relevância para a Nação, designadamente os bens ou conjuntos de bens sobre os quais devam recair severas restrições de circulação no território nacional e internacional, nos termos da lei nº 107/2001, de 8 de Setembro e da respectiva legislação de desenvolvimento, devido ao facto da sua exemplaridade única, raridade, valor testemunhal de cultura ou civilização, relevância patrimonial e qualidade artística no contexto de uma época e estado de conservação que torne imprescindível a sua permanência em condições ambientais e de segurança específicas e adequadas;</p> <p>Legislação aplicável: Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro;</p> <p>Acto Legislativo: Decreto; Nº 19/2006; 18/07/2006*</p> <p>Esta peça fazia parte do chamado Museu das Pratas que foi integrado no Património do Estado como museu nacional segundo o Art. 76 da Lei de Separação da Igreja do Estado, Diário do Governo nº 92 de 21 de Abril de 1911.</p>

Imagem cedida em 18 de novembro de 2022 pela curadora Fernanda Alves.

Imagem 15 - Ficha catalográfica do objeto 6089;O23.

<b>Incorporação</b>		
Modo de incorporação <b>Outro</b>		
Especificações <b>Transferência, (Fundo Antigo), Conventos Extintos, Mosteiro do Lorvão, Coimbra</b>		

<b>Localização</b>		
Tipo	Localização	Data
Reserva	casa forte	1998-2-10
Exposição	Piso 1	2020-8-7

<b>Bibliografia</b>	
Bibliografia	Páginas
Ai Confini Della Terra. Scultura e arte in Portogallo 1300-1500. Rimini: 2000	86,nº3
Catálogo-Guia da secção de Ourivesaria. Coimbra: MNMC, 1940	-
Catálogo ilustrado da exposição retrospectiva de arte ornamental portuguesa e espanhola. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882	-
GONÇALVES, A. Augusto; Eugénio de Castro - Noticia Historica e Descrytiva dos Principaes Objectos de Ourivesaria existentes no Thesoiro da Sé de Coimbra. Coimbra: F. França Amado, 1911	-
GONÇALVES, António Nogueira - Estudos de Ourivesaria. Coimbra: 1984	-
Inventário da Colecção MNMC;Ourivesaria Sécs XVI e XVII. Lisboa: IPM, 11/1992	-

Imagem cedida em 18 de novembro de 2022 pela curadora Fernanda Alves.

Imagem 16 - Ficha catalográfica do objeto 6089;O23.

Exposições				
Título	Local	Início	Encerramento	N.º Catálogo
Ourivesaria dos Sécs. XVI e XVII	MNMC	1992	1996	
Oito Séculos de Missionaço Portuguesa	Vaticano	1996		
Exposiço de Ourivesaria Portuguesa dos Séc. XII a XVII. Comemoraçoes Nacionais de 1940	Coimbra, MNMC	1940		
Exposiço Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola	Lisboa	1882		

Observaçoes
INFORMAÇÃO MULTIMÉDIA sem ficheiros associados:
Número de inventário: 773
Autor:
Localizaço: MNMC
Tipo de registo: Imagem
Tipo de imagem: Negativo a P/B
Gemas identificadas por Rui Galopim de Carvalho em 2010.

Imagem cedida em 18 de novembro de 2022 pela curadora Fernanda Alves.

Os modelos de fichas catalográficas dos três museus se diferem, possuem campos diferentes, mas todos visam promover a identificaço dos objetos e a recuperaço das informaçoes. Pode-se dizer que a atividade de catalogaço desses museus permite a visualizaço de algumas informaçoes técnicas, que chamarei de informaçoes semânticas, com base na discussáo do item 1.3 do capítulo anterior.

Em todos os modelos de ficha, os demais campos se referem às informaçoes sobre a “vida” do objeto antes e depois de sua entrada no acervo de cada museu. Na verdade, podemos falar de “vida” de um objeto sem falar de seus usos? O que viso questionar é como a Documentaço Museológica pode acrescentar, em seus procedimentos técnicos, o para quê esses objetos, mais especificamente os objetos de cunho religioso, foram produzidos e como foram utilizados.

A atividade de catalogação questiona as fontes informacionais (objeto, documento de aquisição, referências bibliográficas etc.) sobre o que é esse objeto, por quem e para quem foi feito. Nos três modelos de fichas catalográficas apresentados no capítulo anterior podemos ver a preocupação em responder o que é e por quem foi feito os objetos, ao passo que o para quem não é demonstrado em outro campo senão o Histórico (presente apenas nas fichas do BM e do MNMC), algo que poderá ficar mais evidente ao se analisar a Tabela 1- Campos das Fichas Catalográficas dos Museus, apresentada abaixo:

Tabela 1- Campos das Fichas Catalográficas dos Museus

MUSEU	O QUE É?	POR QUEM?
KMW	Denominação; Título; Classificação; Material e técnica; Dimensões; Descrição;	Local de Produção; Data de Produção;
BM	Denominação; Descrição; Materiais; Técnicas; Dimensões;	Período e Cultura; Data de Produção; Local de Produção;
MNMC	Título; Denominação; Supercategoria; Categoria; Descrição; Matéria; Técnica; Precisões sobre técnica; Dimensões (Altura, Largura, Espessura);	Autoria (Nome, Ofício, Tipo); Produção; Datação (Anos);

A tabela acima se refere a quais campos das fichas catalográficas de cada museu respondem as perguntas “o que é” e “por quem”. No caso do Kunsthistorisches Museum Wien, os campos Denominação, Título, Classificação, Material e Técnica e Descrição visam informar o que é o objeto, ao passo que os campos Local de Produção e Data de Produção informam qual grupo cultural produziu esse mesmo objeto.

No que diz respeito ao British Museum, os campos Denominação, Descrição,



Materiais, Técnicas e Dimensões se referem ao que é objeto, enquanto Período e Cultura, Data de Produção e Local de Produção respondem por quem o objeto foi produzido.

Por fim, no Museu Nacional de Machado de Castro, Título, Denominação, Supercategoria, Categoria, Descrição, Matéria, Técnica, Precisoções sobre técnica e Dimensões (Altura, Largura, Espessura) são os campos que fornecem as informações sobre o que é objeto, sendo que Autoria (Nome, Ofício, Tipo); Produção e Datação (Anos) indicam por quem o objeto foi produzido.

### **CAPÍTULO 3- DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E PERCEPÇÃO RELIGIOSA**

Os modelos de fichas catalográficas apresentadas no capítulo anterior, ainda que distintas, possuem como aspecto comum a preocupação com o resgate das informações materiais, históricas e artísticas dos objetos. Os mesmos campos presentes, em qualquer uma das fichas, podem ser aplicados para a catalogação de uma relíquia católica, um sofá vitoriano ou um quadro de Tarsila do Amaral.

Isto não quer dizer que a Documentação Museológica desses objetos é insuficiente ou que não atende as necessidades de gestão informacional dos museus, apenas visa sinalizar que os objetos possuem outras informações, baseadas nas percepções de um ou mais grupos sociais, que ainda não foram traduzidas e assimiladas as fichas catalográficas desses objetos.

É preciso citar mais uma vez o pensamento de Waldisa Russio de que a Museologia estuda a profunda relação do homem com a realidade. Os objetos contêm parte da realidade de um grupo social, permitem o reconhecimento de culturas, se inserem na ótica da identidade coletiva. A Documentação Museológica, como tenho afirmado desde o primeiro capítulo, é uma importante ferramenta de gestão da informação e da gestão de acervos, mas é também uma forma de compreender as sociedades e culturas, as vidas humanas, que perpassam cada objeto musealizado.

Objetos podem ter usos e funções variados à medida que as demandas dos seres humanos mudam. Em uma simples pesquisa no Google pode-se encontrar diferentes modos de se transformar e reutilizar um objeto, de garrafas PET à máquinas de escrever. Reutilizar é também ressignificar.

Com os objetos religiosos não é diferente! Duas religiões podem utilizar do mesmo objeto, mudando completamente seu significado. No item 1.2 do primeiro capítulo, apresentei uma discussão de que as relíquias são objetos ressignificados, isto é, são ossos, pedaços de tecido ou objetos tocados por um santo. Aquilo que antes era parte do corpo ou de uma roupa, se torna um meio de conexão entre o mundo sagrado e o mundo humano.

O professor Percival Tirapelli comenta que “os objetos sagrados deslocados para os museus passam a ter outras funções não mais para os fiéis, mas sim para os estudiosos” (TIRAPELLI. 2020, p. 124). Concordo que a função de um objeto se transforma quando este é musealizado, aquilo que conectava o divino com o fiel passa a conectar realidades e temporalidades entre os seres humanos dentro do contexto museal, mas a religiosidade que perpassa o objeto não é também um possível objeto de estudo?

Assumindo que a esfera religiosa que circula os objetos de culto é, ou ao menos pode ser vista como, algo de interesse dos pesquisadores, visitantes, profissionais nas mais diversas áreas relacionadas aos museus, não seria correto pensar em ferramentas para o resgate e a manutenção das informações conectadas a esta religiosidade?

É possível resumir tudo o que tenho questionado aqui por meio da seguinte afirmação da museóloga portuguesa Maria Isabel Roque:

Esta aparente sacralização do museu ilude a real sacralidade dos objectos expostos no museu. O aparato museográfico realça a forma material das peças e valoriza os seus aspectos sensíveis; ao mesmo tempo, e sobretudo no caso dos objectos de teor religioso, contribui para ocultar o conteúdo imaterial que lhes é inerente, a sua função litúrgica e devocional, a sua simbologia ou o seu significado teológico. (ROQUE. 2011, p.6) .

A autora destaca que o tratamento dos objetos religiosos dentro dos museus não revela seu aspecto metafísico, seu aspecto divino. Mais uma vez destaco que meu olhar se volta para os objetos de matriz católica, mas que as reflexões que sobre o tratamento dos objetos de culto dentro dos museus devem se estender a todas as matrizes religiosas. É preciso encarar essa religiosidade como um fator informacional que pode influenciar as dinâmicas de conservação, de expografia e atividades educativas.

As funções litúrgicas e devocionais salientadas por Roque se mesclam no caso das relíquias, objetos de devoção que podem estar associados a liturgia diária ou festiva. O importante para aqui é a simbologia e o significado teológico desses objetos e como isso pode se manifestar na documentação museológica.

Cabem aqui as questões levantadas na terceira parte do primeiro capítulo somadas às informações coletadas por meio das fichas catalográficas apresentadas no segundo capítulo: o que temos presente nas fichas catalográficas das relíquias e relicários são as informações semânticas/estéticas relacionadas às características materiais históricas e artísticas, de modo que o exercício que venho propor é o de transformar as percepções religiosas, reassumindo aqui o sentido de percepção expresso por Nobrega<sup>40</sup> (2008), em informação de cunho semântico.

A informação semântica é traduzível, busca objetividade e visa a significação por meio de uma lógica utilitária. Não vou questionar se os milagres associados às relíquias são reais ou não, mas defendo que é importante saber que existem essas informações associadas a estes objetos.

Início esse debate por meio de uma das relíquias apresentadas no capítulo anterior, o objeto SK\_WS\_XIII\_20, a Partícula da Verdadeira Cruz. No Guia Ilustrado publicado em 1991 pelo KMW, encontra-se a seguinte afirmação:

O importante aqui não é a genuinidade ou espúria da partícula da cruz que se encontra entre os bens do Tesouro Imperial, mas que a crença criou uma realidade e o seu significado para as pessoas na Idade Média. As relíquias da Paixão, para as quais foi desenhado o compartimento no fuste inferior da Cruz Imperial<sup>41</sup>, por volta do segundo quarto do século XI, eram veneradas como a “Partícula da Verdadeira Cruz”. Seu tamanho era incomum em relação às outras partículas da cruz que eram conhecidas no Ocidente. Além disso, esta relíquia da crucificação exibe um dos buracos dos pregos martelados para a crucificação. O pedaço de madeira é, portanto, um pedaço de um desses lugares no qual a cruz entrou em contato direto com as chagas de Cristo crucificado, e que ficou encharcada com seu sangue. Com esta partícula da cruz, o imperador romano possuía um objeto sagrado, uma relíquia e um símbolo de governo em um único objeto, se colocando assim no mesmo nível de importância que o imperador bizantino. A partir de agora, o governante do império ocidental, também, foi visivelmente protegido pelo próprio Cristo, pois segundo a crença da época, o salvador estava pessoalmente presente na forma de seu sangue, com o qual o pedaço de

---

<sup>40</sup> “A percepção não é o conhecimento exaustivo e total do objeto, mas uma interpretação sempre provisória e incompleta” (NOBREGA. 2008, p. 141).

<sup>41</sup> Objeto SK\_WS\_XIII\_21. Tradução nossa. Original em alemão: Das Reichskreuz.

madeira da cruz havia sido encharcado. (KUNSTHISTORISCHES MUSEUM WIEN. 1991, p. 165).<sup>42</sup>

De fato, este texto poderia preencher o campo Histórico, mas se houvesse um campo chamado Milagres ou Ações Associadas, poderia se preencher com a seguinte informação: “Proteção do Imperador Romano”, tornando-o mais objetivo e resumido. De uma forma muito sucinta, essa era uma das funções do objeto SK\_WS\_XIII\_20 durante o período do Império Romano, foi justamente esta função que possibilitou sua inserção no Tesouro Imperial de Viena.

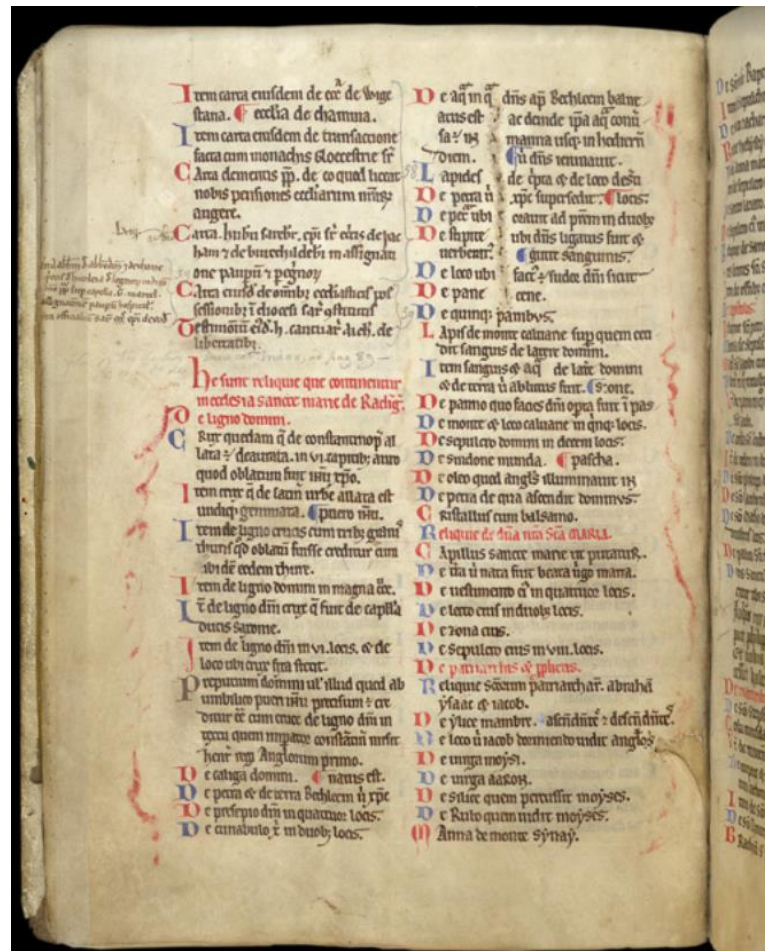
O exercício que fiz foi simplesmente resgatar esta percepção religiosa que perpassava a ótica medieval sobre a relíquia e, independente de eu crer que isso é verdade ou não, sintetizar isso em uma informação semântica. O campo informacional que sugeri no parágrafo anterior foi baseado em um dos critérios para autenticação de relíquias: a descrição de milagres associados a elas, algo que irei desenvolver melhor ao tratar sobre hagiografia e autenticação. Para demonstrar outras possibilidades de campos informacionais analisarei os inventários eclesiásticos medievais, chamados de Livros de Santos por Schlosser (1988), citados no primeiro capítulo.

Dos livros que consegui acessar de maneira remota, o mais antigo é List Of Relics Of Saints, In The Cartulary Of Reading Abbey (Lista de Relíquias dos Santos, no cartulário de leitura da abadia), disponível na Biblioteca Britânica. Esta lista é datada de aproximadamente 1190 e 1195. A imagem 17 é a página do cartulário que contém a lista de relíquias. A leitura paleográfica deste documento é complexa e difícil, porém saliento que as 10 últimas linhas da segunda coluna citam relíquias dos patriarcas do Antigo Testamento, ainda que não as descrevam.

---

<sup>42</sup> Tradução nossa. Original em alemão.

Imagem 17. List Of Relics Of Saints, In The Cartulary Of Reading Abbey.

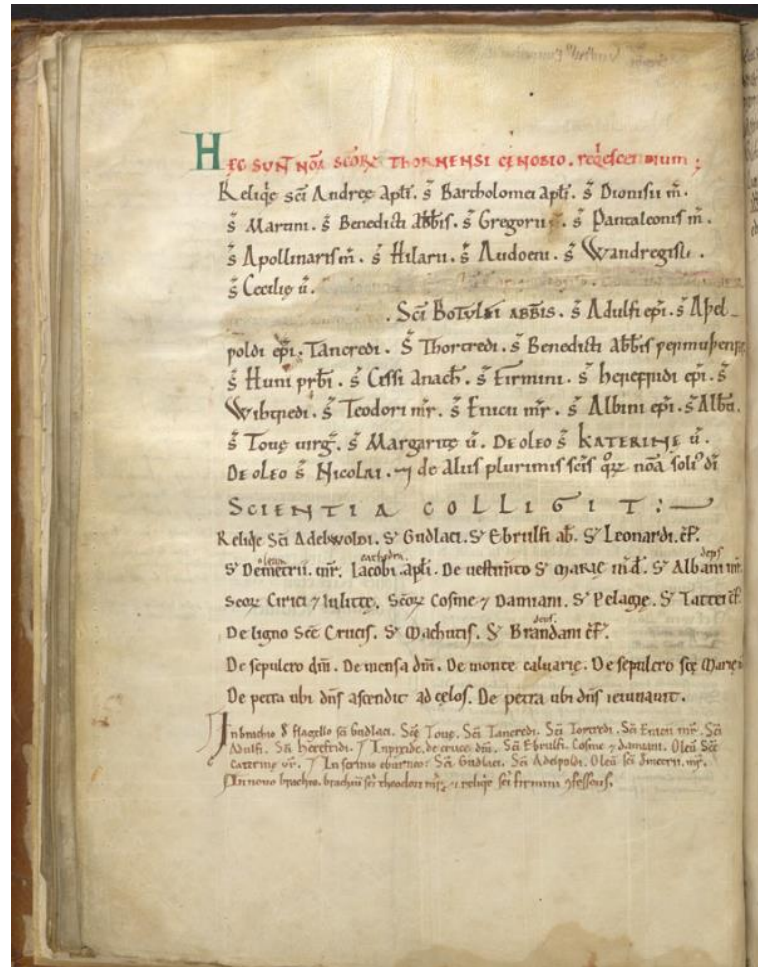


Disponível em:

<https://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/illmanus/egermanucoll//largeimage75725.html>. Acesso em: 06/12/2022 às 10:43 hrs. Idioma do livro: inglês

A preocupação dos autores deste documento é apenas listar as relíquias que a abadia possui. Esta é, na verdade, a função dos livros de santos. Trata-se de um simples inventário, ao menos durante a Idade Média. Em uma outra lista eclesiástica da Inglaterra, a List Of Relics Of Saints At Thorney Abbey (Lista das Relíquias de Santos da Abadia de Thorney), imagem 18, também disponível online na Biblioteca Britânica, além de listar as relíquias os autores destacam o “tipo de santo” (apóstolo, mártir, virgem, bispo e doutor da Igreja).

Imagem 18. List Of Relics Of Saints At Thorney Abbey.



Disponível em: <https://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/illmanus/other/largeimage74485.html>. Acesso em: 06/12/2022 às 10: 55 hrs. Idioma do livro: inglês.

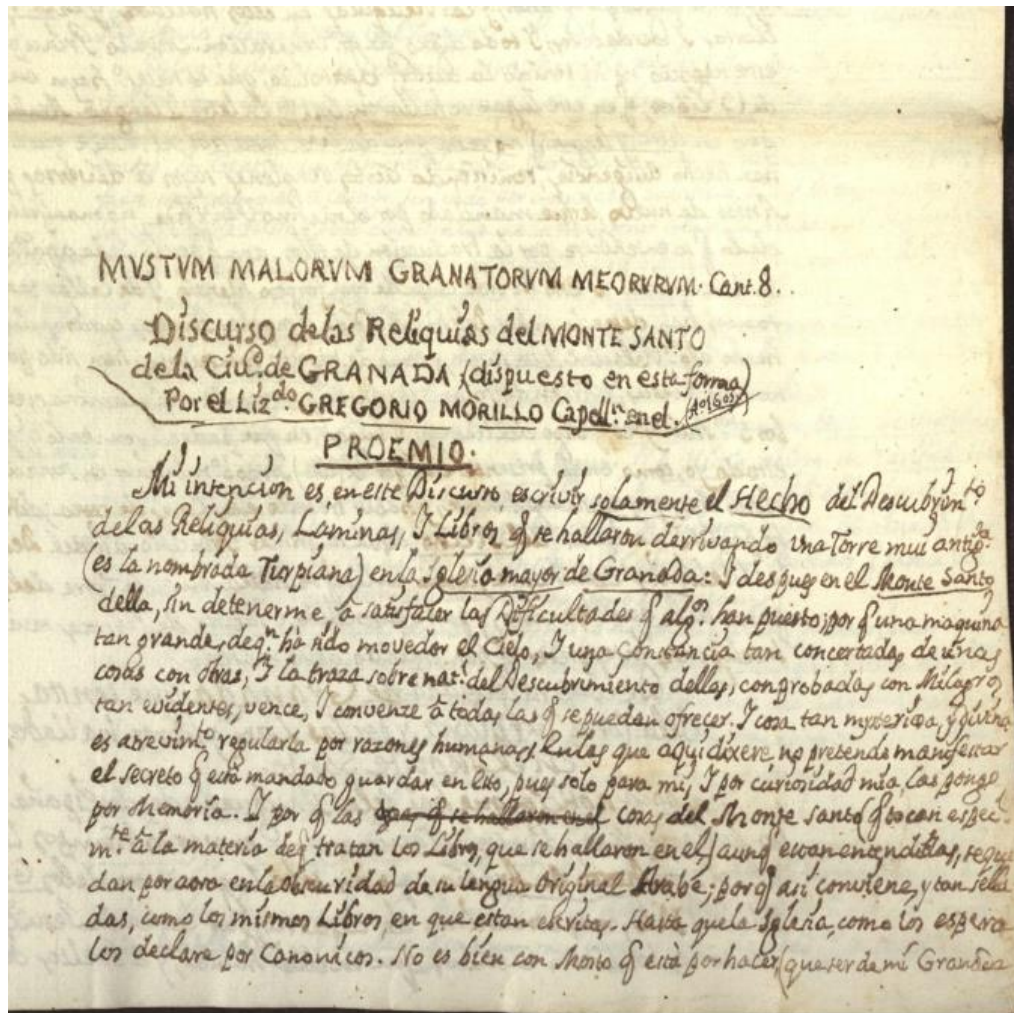
Estas listas inglesas eram parte de um material interno das abadias, não há na Biblioteca qualquer relato de que esses documentos eram de consulta pública. A situação é diferente na Espanha do século XVII, como evidência o Discurso das Santas Relíquias do Monte Santo da Cidade de Granada<sup>43</sup>, escrito por Gregorio Morillo em 1605, disponível para a consulta online na Biblioteca de Andaluzia.

Este material é um livro de santo extremamente completo, em que o autor não só listou as relíquias, mas também os documentos que as acompanhavam (bulas diocesanas, documentos de autenticação, documentos de aquisição e escritos hagiográficos). Morillo indica as condições do descobrimento das relíquias, os responsáveis pela busca e os milagres e profecias que envolviam tal descoberta.

<sup>43</sup> Tradução nossa. Original em espanhol.

Neste documento há também uma tabela para indicar qual relíquia é citada em cada profecia, e os relatos dos sacerdotes.

Imagem 19. Discurso das Santas Relíquias do Monte Santo da Cidade de Granada.

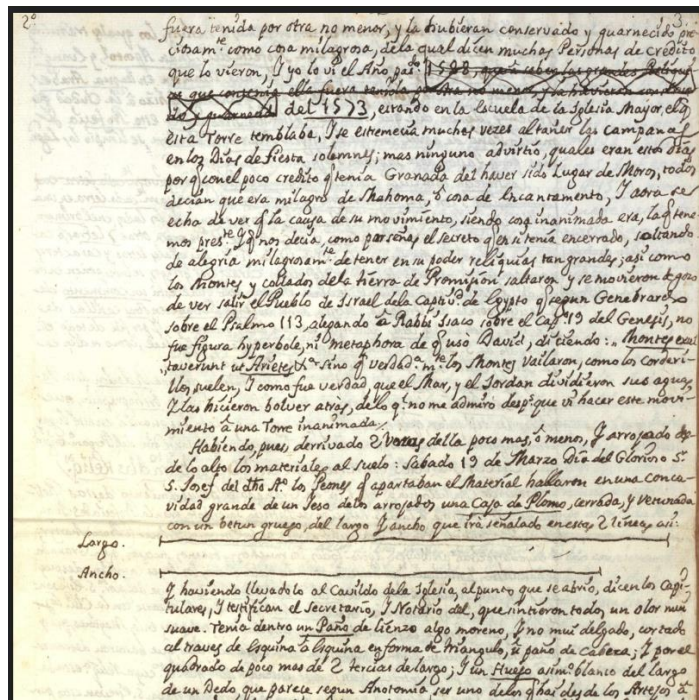


Disponível em:

<http://www.bibliotecavirtualdeandalucia.es/catalogo/es/consulta/registro.do?id=1045295>. Acesso em:

07/12/22 às 09:37 hrs. Idioma do livro: espanhol.

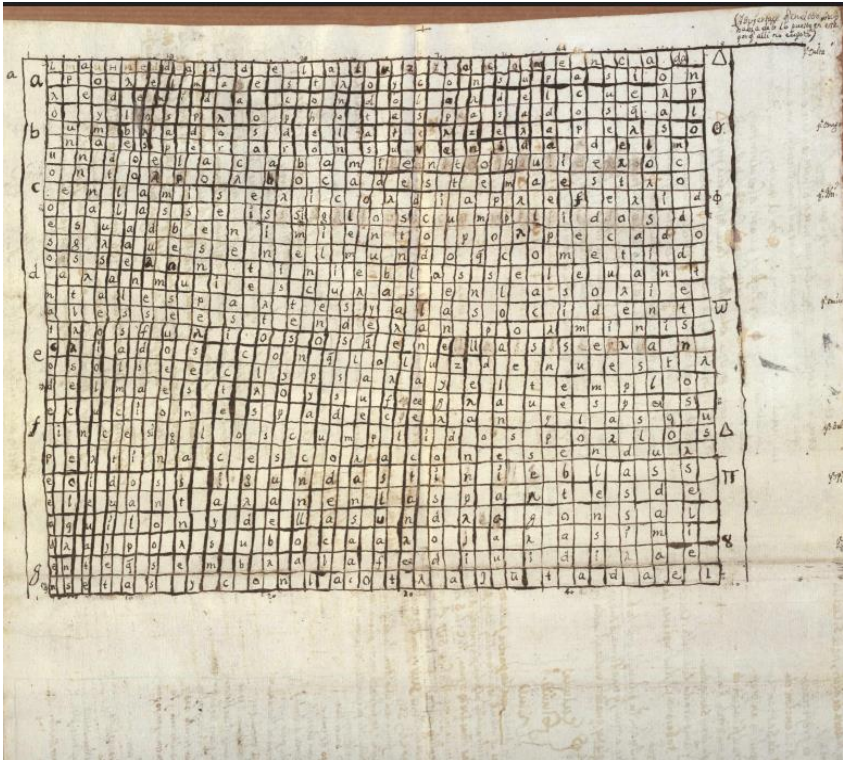
Imagem 20. Discurso das Santas Relíquias do Monte Santo da Cidade de Granada.



Disponível em:

<http://www.bibliotecavirtualdeandalucia.es/catalogo/es/consulta/registro.do?id=1045295>. Acesso em: 07/12/22 às 09:37 hrs. Idioma do livro: espanhol.

Imagem 21. Discurso das Santas Relíquias do Monte Santo da Cidade de Granada.





Disponível em:

<http://www.bibliotecavirtualdeandalucia.es/catalogo/es/consulta/registro.do?id=1045295>. Acesso em: 07/12/22 às 09:37 hrs. Idioma do livro: espanhol.

Outro documento interessante sobre o contexto espanhol é o Breve Sumário de las Santas Relíquias da Câmara Santa de Oviedo, uma bula diocesana publicada em 01 de Janeiro de 1701 e que atualmente se encontra disponível para consulta online através do portal Europeana. A preocupação dos autores da bula era que os fiéis soubessem quais eram as relíquias da Igreja de Oviedo e que a veneração desses objetos resultaria na “graça Apostólica que durará perpetuamente”<sup>44</sup> (OVIEDO. 1701. p.1).

Imagem 22. Breve Sumário de las Santas Relíquias da Câmara Santa de Oviedo.

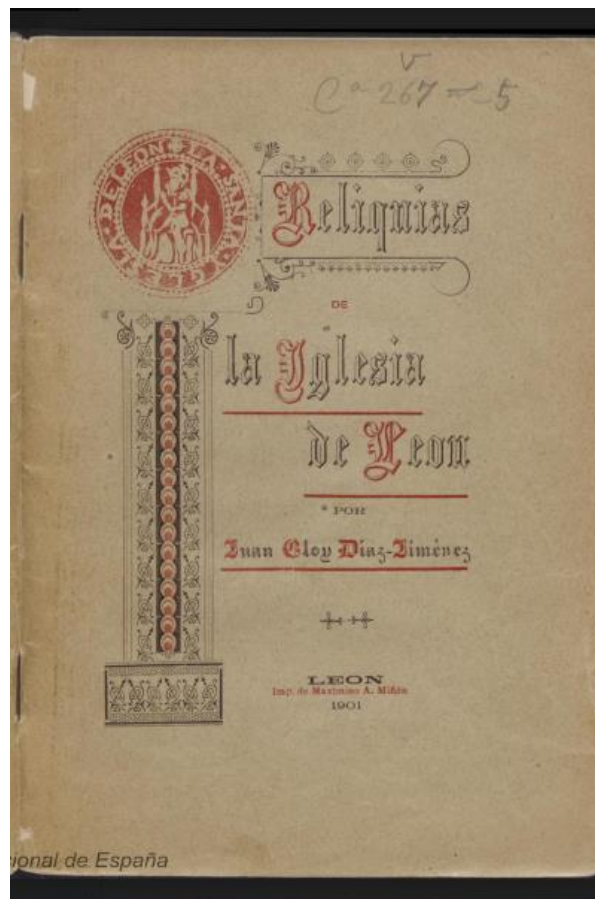


Disponível em: [https://www.europeana.eu/en/item/2022719/arpadweb\\_bib\\_ADGD160369304](https://www.europeana.eu/en/item/2022719/arpadweb_bib_ADGD160369304). Acesso em: 07/12/22 às 09:46 hrs

<sup>44</sup> Tradução nossa. Original em espanhol.

A Catedral de Leão realizou uma busca pelos livros de santos de sua diocese, assim como os livros de visitas dos peregrinos e das relíquias e relicários da Igreja de Leão. O documento que foi escrito para sintetizar os resultados dessa busca foi finalizado em 1901, por Juan Gloy Días-Jimenez, sob o título de Relíquias da Igreja de Leão<sup>45</sup> e tem a estrutura de um livro de santo muito similar ao de Gegorio Morillo. Um aspecto interessante neste livro é que as relíquias são listadas de acordo com a forma de escrita dos documentos que acompanhavam, como por exemplo em tradição cursiva visigótica do século X e assim por diante.

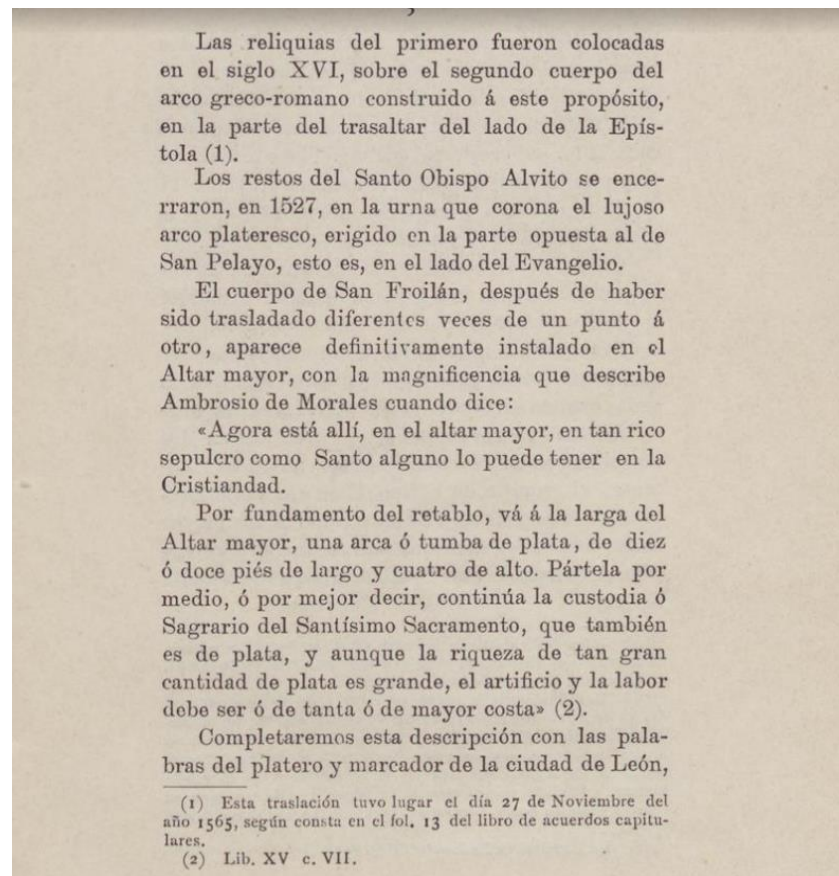
Imagens 23. Relíquias da Igreja Leão.



Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000205493&page=1>. Acesso em: 07/12/22 às 10:15 hrs.

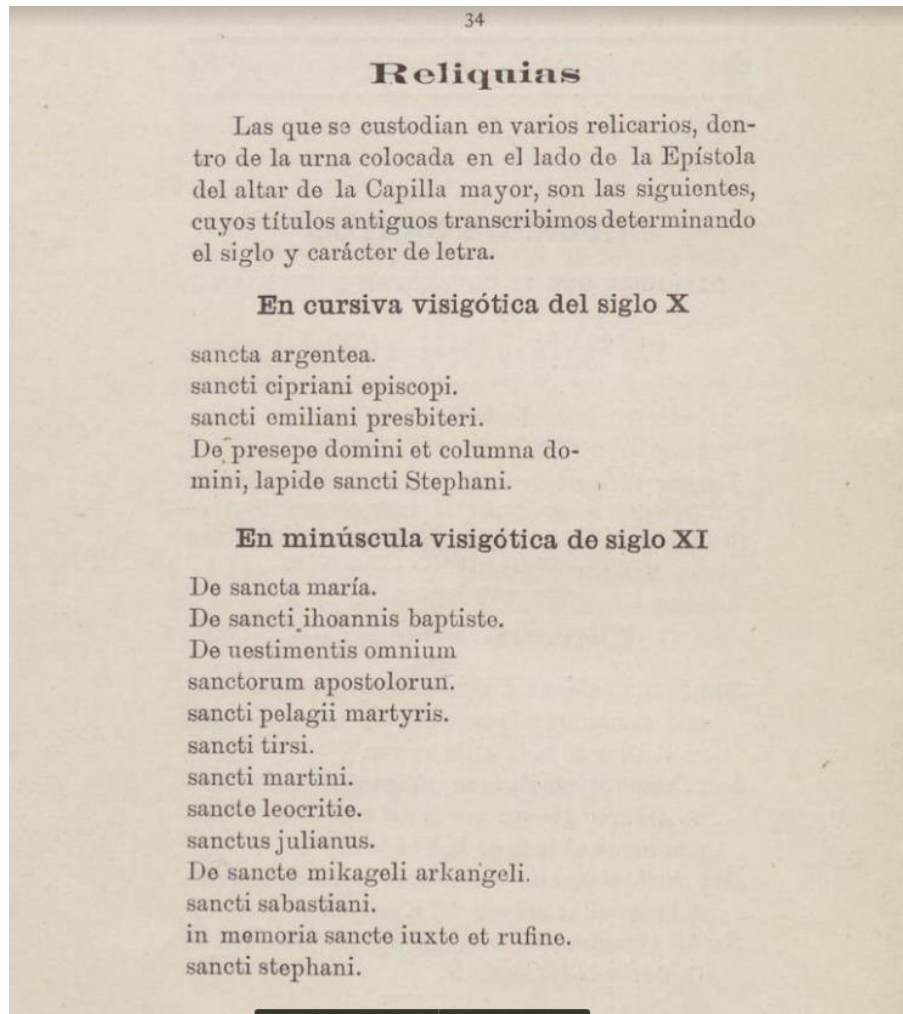
<sup>45</sup> Tradução nossa. Original em espanhol. Disponível na Biblioteca Nacional da Espanha.

## Imagens 24. Relíquias da Igreja Leão.



Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000205493&page=1>. Acesso em: 07/12/22 às 10:15 hrs.

## Imagens 25. Relíquias da Igreja Leão.



Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000205493&page=1>. Acesso em: 07/12/22 às 10:15 hrs.

Através da análise destes documentos, em especial aos do contexto espanhol, pode-se pensar na importância de algumas categorias informacionais como: aparição em livros de santos, menção em profecia, documentos relacionados à relíquia.

Neste momento não se deve considerar apenas a relíquia, objeto, mas é preciso considerar o santo, a figura humana que está representada na relíquia. No livro “ O Homem Medieval” de Jacques Le Goff, há um artigo chamado “O Santo”, escrito por André Vauchez. Neste artigo, Vauchez estabelece uma cronologia, mas também uma série de categorias, sobre a santidade na Idade Média.

Segundo Vauchez, o início da Era Cristã é marcado pelos “mártires medianeiros e patronos”, seguidos pelos ascetas do Oriente (ou monges do deserto),

por volta do século IV. Entre os séculos VI a VIII tem-se o período denominado de “hagiocracia”, marcado pelos “defensores do povo e fundadores de igrejas”, ao passo que os séculos X e XI, devido os embates políticos<sup>46</sup> surgem os “Reis santos e monges angélicos”. A modificação do sentido de santidade nos séculos XII e XIII origina os santos chamados pelo autor de Seguidores de Cristo. Vauchez apresenta os “místicos profetas e pregadores”, cuja ação ocorreu durante os séculos XIV e XV. (VAUCHEZ. 1989. p. 212- 223).

Igor Salomão Teixeira cita, além das tipologias formuladas por Vauchez, outras quatro categorias de santos que estão presentes na *Legenda Áurea*, identificadas por Alain Boureau. Os santos que estiveram próximos a Cristo, são os santos originários, os mártires dos séculos I ao IV são chamados de antigos. Boureau denomina de históricos os santos abades, bispos, doutores e confessores com ação entre os séculos IV e VII, e de contemporâneos os demais santos dos séculos XII e XIII (BOUREAU. 1984. apud. TEIXEIRA. 2008. p. 31).

Estas categorias, tanto a de Vauchez quanto a de Boureau, podem ser utilizadas para a Documentação Museológica das relíquias. Certo que o objeto musealizado é a relíquia e não o personagem canonizado, porém a classificação do santo pode acrescentar valor informacional ao objeto. Utilizarei da tipologia proposta por Vauchez para compor um exemplo.

A relíquia de São Bonifácio (1902,0625.1.d) salvaguardada no British Museum poderia ser classificada como uma relíquia oriunda de um santo fundador da Igreja ou santo do período da hagiocracia. Ainda que esta categoria pareça muito simplória, deve-se considerar a contribuição desta informação em, por exemplo, para a execução de um inventário temático. Dizer a categoria do santo é também dizer o papel desse santo em relação à Igreja e ao imaginário dos fiéis.

Deve-se considerar que mais importante do que a relíquia, objeto musealizado, é compreender as relações sociais que perpassam por este objeto, de modo que além de buscar informações sobre a figura de santidade a quem pertenceu o objeto (seja como parte do corpo ou como objeto de uso pessoal) é preciso identificar o papel das relíquias nas realidades das pessoas que a cultuaram ao longo do tempo.

É válido ressaltar que relíquias fazem parte do imaginário católico para além da Idade Média e que os modos tanto de culto quanto de autenticação sofreram

---

<sup>46</sup> Além da Reforma Gregoriana.

mudanças, acompanhando as transformações da Igreja. A regulamentação mais recente foi publicada pela Igreja em 2017<sup>47</sup> e visa nortear os parâmetros de reconhecimento e conservação das relíquias, algo digno de menção mas cuja aplicação se volta para o caso eclesial.

Do ponto de vista museológico, é mais importante buscar os documentos de autenticidade para descobrir os histórico da relíquia do que para comprovar sua veracidade. Deste modo, mesmo que os documentos não reconheçam que a relíquia pertenceu ou não ao referido santo, se ela é capaz ou não de realizar milagres, a análise e a presença das informações neles contidas devem se fazer presentes na documentação dos objetos, em um campo que denominarei de Histórico Eclesiástico.

Diferente do campo Histórico já previsto pelo Cidoc-Icom, o Histórico Eclesiástico deve ser preenchido com informações que relacionam a relíquia com a Santa Sé, os processos (ou a falta deles) de autenticação, os registros de peregrinação da relíquia e tudo mais que possa conectá-la com a Igreja.

Ao longo deste capítulo, apresentei, ainda de que maneira um tanto solta, algumas possibilidades de campos informacionais que irão contribuir para agregar a percepção religiosa sobre as relíquias e relicários às suas fichas catalográficas. Na tabela abaixo, Tabela 2- Sugestões de campos informacionais e seu preenchimento, viso explicitar os campos que proponho, as fontes bibliográficas ou documentais que sustentam a minha proposta e, por fim, uma breve sugestão sobre como preencher tais campos.

Tabela 2- Sugestões de campos informacionais e seu preenchimento

Campo Informacional	Bibliografia ou Documento	Sugestão de preenchimento
Classificação da Relíquia	BIOTTI-MACHE, Françoise. 2007.	Conforme Biotti-Mache, as relíquias são classificadas em: insígnias, relíquias

<sup>47</sup> RELÍQUIAS NA IGREJA: AUTENTICIDADE E CONSERVAÇÃO (2017). Disponível em: <http://www.causesanti.va/it/documenti/le-reliquie-nella-chiesa-autenticita-e-conservazione.html#:~:text=%5B1%5D%20Le%20reliquie%20dei%20Beati,che%20ne%20garantisca%20l'autenticit%C3%A0.> Acesso em 14/12/22 às 10:31.

		notáveis ou mínimas <sup>48</sup> . Neste campo deve ser assinalada a classe da relíquia.
Milagres ou Ações Associadas.	Livros de Santos e Critérios Eclesiásticos para Autenticação de Relíquias.	Este campo deve ser preenchido com a listagem dos milagres (do mais recente ao mais antigo) associados a relíquias e/ou com as ações esperadas pelos fiéis com a oração ou veneração dessa relíquia (exemplo: proteção do Rei por meio do toque, cura de um enfermo).
Tipologia de Santo	BOUREAU, Alain (1984). VAUCHEZ, André (1989).	Os documentalistas optam por uma das literaturas e assinalam neste campo a tipologia <sup>49</sup> do santo provedor da relíquia. Caso a relíquia seja associada a Cristo, os Apóstolos, a Virgem, Maria Madalena ou a Crucificação, deve-se assinalar o item Outros e escrever Relíquia de Cristo, de Maria, do Apóstolo... (+ nome) e assim por diante.

<sup>48</sup> Insígnias: Corpo inteiro ou membro em integridade ; Notáveis: fragmentos de membros ou do corpo do santo ; Mínimas: objetos tocados pelo santo.

<sup>49</sup> Para Boureau: Originários, antigos, históricos e contemporâneos. Para Vauchez: Mártires medianeiros e patronos, ascetas, defensores do povo e fundadores da Igreja, reis santos e monges angélicos, seguidores de Cristo e místicos profetas e pregadores.

Canonização do Santo	IV Concílio de Latrão (1215). HERRMANN-MASCARD (1977).	Conforme o IV Concílio de Latrão e as afirmações de Herrmann-Mascard, as relíquias não podem ser cultuadas e autenticadas sem que o santo seja canonizado. Neste campo, deve-se apenas indicar se o santo foi canonizado pela Igreja ou não e a data da conclusão do processo de canonização.
Relato de procissão	HERRMANN-MASCARD (1977).	Segundo Herrmann-Mascard as relíquias podiam ser levadas em procissões de fiéis em dias santos ou festivos. Este campo deve ser preenchido apenas indicando se há um relato sobre a relíquia em alguma procissão.
Histórico Eclesiástico	RELÍQUIAS NA IGREJA: AUTENTICIDADE E CONSERVAÇÃO (2017)	Este campo deve ser preenchido com um resumo sucinto indicando se a relíquia é autenticada, sua relação com a Igreja, se há registro de peregrinação <sup>50</sup> da relíquia e a indicação de

<sup>50</sup> A peregrinação difere-se da procissão. A peregrinação deve ser compreendida como saída da relíquia de sua diocese de origem para uma jornada espiritual de um grupo. Ao passo que a procissão é simples passeata de clérigos e fiéis durante uma festa e percorrendo um trajeto determinado dentro da estância da diocese.



		documentos, presentes ou não na instituição, que tratem sobre a relíquia. Deve-se sinalizar também se a relíquia já foi mencionada em Livros de Santos ou outro tipo de inventário eclesiástico.
--	--	--

Todos estes campos sugeridos são capazes de abranger os fatores conectados à percepção religiosa, mas que possibilitam pesquisas históricas, artísticas e museológicas. É preciso considerar que, como os diversos objetos dos museus, nem todas as informações necessárias para o preenchimento desses campos serão encontradas e resgatadas, existirão (como já existem) diversas dificuldades para a recuperação de documentos e de bibliografia especializada. Entretanto, apesar das dificuldades, é preciso que os profissionais de museus busquem ferramentas que permitem compreender o papel dos objetos no imaginário e na vida das pessoas, considerando que, quando se trata de religião, lida-se com continuidades de tradições e que um objeto que foi importante em uma religião a dois mil anos atrás pode continuar sendo importante para a vida de religiosos contemporâneos.

## CONCLUSÃO

A Museologia é a ciência que estuda a profunda relação do homem com a realidade, relação que se demonstra através da cultura material e imaterial, e as práticas museológicas precisam estar alinhadas a esta perspectiva de que os vínculos humanos perpassam os objetos e manifestações.

A fé e a religiosidade são capazes de inserir os seres humanos em uma realidade metafísica, os objetos que um dia foram cultuados e responsáveis pelo estabelecimento de uma conexão de uma ponte entre o mundo divino e o mundo humano são fontes de pesquisa museológica e sua religiosidade deve ser analisada e encarada como fator que insere os homens e mulheres em uma vivência.

Compreendendo a conexão dos objetos, da religião e das vidas humanas, a Documentação Museológica deve se atentar para recuperar, organizar e demonstrar esses aspectos como informação relacionada aos acervos museológicos. Os profissionais de museus precisam, cada vez mais, entender que o motivo da existência dos objetos, das coleções e dos museus é suprir as necessidades humanas, sejam elas práticas ou mnemônicas, e que sua história não é algo isolado, mas que se fez ou se faz presente na vida de pessoas concretas.

Por mais que meu esforços e pesquisa tenham se voltado apenas para o universo católico, o desenvolvimento deste trabalho demonstra a necessidade de buscar ferramentas para inserir as percepções religiosas dos diversos grupos culturais, possuidores de diversas crenças e saberes, como parte integral dos objetos de cultos que se encontram nas instituições museológicas, não com o intuito de provar a veracidade da crença, apenas visando demonstrar a importância desses bens na vida das pessoas.

Relíquias e relicários estão presentes no imaginário católico, são parte significativa da vida cristã e ainda que possuam valor artístico e histórico e que sejam esses os fatores que justifiquem sua presença nas coleções museológicas, não se deve excluir que esses objetos tiveram (ou ainda têm!) uma conexão espiritual, metafísica e sensorial com pessoas.

Uma ciência social que se volta para as relações humanas com a realidade precisa se atentar aos diversos coeficientes desta realidade. Pensar em campos

informativas que permitam resgatar esses elementos que transcendem o acervo é pensar nas influências políticas e culturais que geraram e modificaram o significado dos acervos museológicos aos mais diversos grupos.

Foi refletindo todas essas questões que pude buscar uma bibliografia capaz de abranger esta compreensão de Museologia, conceituar relíquias, relicários, seu papel social marcante na sociedade medieval. Ainda que relíquias sejam cultuadas até a atualidade, elas exerceram uma importância outra na Idade Média, sendo objetos importantes para as mais diversas relações sociais, culturais e econômicas do período.

Os significados de santidade, as categorias que se fazem presentes no pensamento medieval e que se estendem a compreensão dos católicos sobre seus santos, assim como as transformações dos processos de canonização, influenciam as relações dos fiéis com as relíquias e seus processos de autenticação.

Ainda que este não seja o foco da pesquisa, é interessante notar que algumas das relíquias que tiveram suas fichas analisadas no segundo capítulo possuem sua datação posterior ao período de vida do santo, possibilitando questionar sua veracidade, mas que ainda assim foram cultuadas como verdadeiras. O melhor exemplo é a Partícula da Verdadeira Cruz, presente no Kunsthistorisches Museum Wien, cuja possibilidade de datação é mais de mil anos depois da crucificação de Cristo o que não impediu, segundo o Guia Ilustrado (1991), o uso desta relíquia para a proteção do Imperador.

Foi preciso analisar os processos e concepções da Igreja medieval sobre as relíquias e com a santidade para compreender o significado desses objetos no catolicismo e, simultaneamente, notar que a salvaguarda desses bens teve influência na história da Documentação Museológica.

Os Livros de Santos e demais inventários eclesiásticos analisados neste trabalho permitiram notar que ao longo dos séculos a própria Igreja buscou maneiras de recuperar as informações sobre as relíquias, algo que se destaca no Discurso das Santas Relíquias do Monte santo da Cidade de Granada, de Gregorio Morillo, cuja preocupação em compreender a “vida” das relíquias influenciou fortemente esta pesquisa e a sugestão do campo Histórico Eclesiástico.

As categorias de santos identificadas tanto por Vauchez quanto por Boureau podem permitir, através de pesquisas mais densas sobre este tema, compreender a relevância de algumas relíquias quando se faziam presentes no contexto eclesiástico

e diocesano e questionar se isso influenciou ou não na presença destes objetos nas coleções museológicas.

Analisar as fichas catalográficas de relíquias e relicários que fazem parte de acervos de museus contemporâneos e notar a ausência das informações referentes a religiosidade que perpassa esses objetos não é acusar os profissionais desses museus, trata-se na verdade de um exercício crítico que visa demonstrar que a Documentação Museológica é uma prática que se atualiza e se transforma, que deve estar sempre alinhada com a pesquisa, a conservação e a comunicação dos objetos e as relações sociais que os atravessa.

Demonstrar a percepção religiosa e inseri-la nas fichas catalográficas é um exercício amplo, que deve se adaptar à diversidade de acervos de caráter religioso presentes nos museus, compreendendo os entrelaçamentos entre religiões e as mudanças de significados dos objetos. Deste modo, os campos que sugeria neste trabalho se adequam às relíquias e aos relicários, são pensados apenas para esta tipologia de objeto.

A Documentação Museológica exige pesquisa ao mesmo tempo que gera possibilidade de novas pesquisas, à vista disso as sugestões e resultados deste trabalho não se finalizam nele, apenas demonstram que a religiosidade é um dos possíveis recortes de pesquisa que podem expandir os processos de catalogação nos museus.

A execução deste trabalho também salienta a necessidade de as pesquisas e produções acadêmicas se sintonizarem com as pesquisas museológicas, as pesquisas sobre os acervos e bens culturais com o intento de melhor compreensão desses bens, das relações sociais que se desdobram deles. As dificuldades de recuperação da informação podem ser superadas através da convergência de esforços dos estudantes, acadêmicos e profissionais de museus.

É válido salientar também alguns aspectos quanto a conservação da informação na internet, a perspectiva dualística que ao mesmo tempo que possibilita ampliar a pesquisa, pode resultar na perda justamente pela dificuldade de se encontrar algo em meio ao universo de informação. Esta, na verdade, é uma dificuldade e um desafio da Ciência da Informação como um todo, da Museologia, da Biblioteconomia e da Arquivologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIOTTI-MACHE, Françoise. Aperçu Sur Les Reliques Chrétiennes. In: L'Esprit du temps | « Études sur la mort »2007/1 n° 131 | pages 115 à 132 Article disponible en ligne à l'adresse: <https://www.cairn.info/revue-etudes-sur-la-mort-2007-1-page-115.htm>

BROWN, Peter. "The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity." *The Journal of Roman Studies* 61 (1971): 80–101.

BROWN, Peter Robert Lamont. *Society and the holy in late antiquity*. University of California Press Berkeley and Los Angeles, California, 1982.

BROWN, Peter Robert Lamont. *The Cult of Saints in Late Antiquity and the Middle Ages*. Oxford University Press Inc., New York, 1999.

BROWN, Peter. *The Rise of Western Christendom: triumph and diversity, A.D. 200–1000*. Chichester, West Sussex, UK. : Wiley-Blackwell, 2013.

BULCÃO, Menderson Correia. *Os Bustos-relicários da Igreja do Antigo Colégio dos Jesuítas na Bahia: O Potencial Museológico e Comunicacional das Imagens de Arte Sacra*. Bahia, 2020.

CALAMANTE, Lorenzo. La Magna Mater en las profecías sobre el destino del viaje de Eneas. X Jornadas de Estudios Clásicos y Medievales La creación en la literatura antigua y medieval: orígenes, renacimientos, resurgimientos. Modalidad virtual, 23, 24 y 25 de noviembre de 2021 ISSN 2250-6837 - web: <http://jornadasecym.fahce.unlp.edu.ar>.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010

CERAVOLO, Suely Moraes. TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 10: 241-253, 2000.

CERAVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.12. p. 237-268. jan./dez. 2004.

CIDOC - ICOM. Declaração de princípios de documentação em museus e diretrizes internacionais de informação sobre objetos de museus: categorias de informação do Comitê internacional de documentação. Brasil, Pinacoteca do Estado. 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. "Pensar a história dos museus em um mundo em transformação" in *ARTEREVISTA*, v.2, n.2, jun/dez 2013. São Paulo: Faculdade Paulista de Artes (FAPA), p. 101-108 ISSN: 2317-613X Disponível online em <http://fpa.art.br/fparevista/ojs/index.php/00001/article/view/20>

FILHO, Attilio Colgano. *Ambivalências do Sagrado: o percurso dos objetos entre a devoção e a coleção*. Espírito Santo, 2011.

GOULÃO, Maria José. RELIQUIAE. 2008. In Júlio Dolbeth, Maria José Goulão e Rui Vitorino Santos (coord.), Memorabilia – Exposição de ilustração (cat. da expos.) 20 de Junho a 4 de Julho de 2008, Átrio Principal da Reitoria da U.P

GUERRIERO, S. . Antropologia da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). Compêndio de ciência da religião. 1ed.São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, v. 1, p. 243-256

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de ensaios**, v. 2, p. 64-73, 1994.

HERRMANN-MASCARD, Nicole. Les reliques des saints: Formation coutumiere d'un droit. Paris, 1977.

IGARETA, Ana. Valioso e indesejável: colaboração interdisciplinar no reconhecimento de insetos associados a coleções arqueológicas no Museu de La Plata (Argentina). **MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE** Vol. 11, no Especial, ago 2022.

KIRCHWEGER, Franz. Crux plena ligno dominico et lancea sancti Maurittii : Das Reichskreuz in der Wiener Schatzkammer und seine Reliquien /in: August Heuser (Hg.), Im Zeichen des Kreuzes. Die Limburger Staurothek und ihre Geschichte, AK Limburg, 2009. 4ª edição.; p. 45-49.

KUNSTHISTORISCHES MUSEUM WIEN. Illustrated Guide. Viena, 1991.

KRUEGER, Derek. Sacred installations he Material Conditions of relic Collections in late antique Churches. In: Saints and Sacred Matter he Cult of relics in byzantium and beyond. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data Saints and sacred matter: the cult of relics in byzantium and beyond / edited by Cynthia Hahn and Holger A. Klein. Washington, 2015.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário Analítico Do Ocidente Medieval - Volume 2. São Paulo: Unesp, 2017.

LIMA, Luís Filipe Silvério. PADRE VIEIRA: SONHOS PROFÉTICOS, PROFECIAS ONÍRICAS. O tempo do Quinto Império nos sermões de Xavier Dormindo. São Paulo. 2000.

LIMA, Luís Filipe Silvério. "Ver Sem Abrir os Olhos", "Sonhar Com os Olhos Abertos": Sonhos, Visões e Profecias no Portugal Seiscentista. *História e Perspectivas, Uberlândia* (34): 139-188, jan.jun.2006.

LISBOA. Thesaurus Vocabulário de Objectos do Culto Católico. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2004. (acho que essa referência tá meio errada, mas não me lembro como se faz no caso de o autor ser uma instituição).

MATTOSO, José. Pressupostos Mentais do Culto dos Mortos. In: *Arqueologia Medieval*. Portugal: Afrontamento, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2- ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.

MENEZES, Renata de Castro. Os objetos religiosos cabem em quais vitrines? In: Coleções étnicas e museologia compartilhada. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019, p. 102-132.

MOLES, Abraham. Teoria da Informação e percepção estética. Brasília, 1978.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. As Santas Relíquias: tesouros espirituais e políticos. Revista Diálogos Mediterrânicos, Número 6 – Junho/2014. p. 58

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. Narrar o Sagrado: o Desafio Hagiográfico. Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 20, p. 130 - 142, 2021

NUNES JUNIOR, Ario Borges Relíquia: o destino do corpo na tradição cristã / Ario Borges Nunes Junior. – 1. ed. – São Paulo: Paulus, 2013.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. In: Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 141-148.

PACHECO, Milton Pedro Dias. Os proto-mártires de Marrocos da Ordem de São Francisco. Revista Lusófona De Ciência Das Religiões – Ano VIII, 2009 / N. 15 – 85-108.

POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. São Paulo: Unicamp. 2014.

REYMOND, Patricia; CROFTS, Nicholas. Documenting ignorance - keeping track of what we know we don't know. Georgia, USA. 2017.

ROQUE, Maria Isabel. A exposição do sagrado no museu. Comunicação & Cultura, n.o 11, 2011, pp. 129-146.

ROQUE, Maria Isabel. Entre o Sagrado e o Profano: Práticas Museológicas de Iniciativa Eclesiástica. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 43, p. 67-89, 2011.

ROQUE, Maria Isabel. A Arte Sacra: Museus e Exposições Numa Sociedade Secularizada. MASF Journal No02, 2019, Museu de Arte Sacra do Funchal. Portugal, 2019.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. Tradução: T. Scheiner. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST. Rio de Janeiro, 2009.

BRITISH MUSEUM. History of the museum. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/about-us/british-museum-story/history>. Acesso em: 23/11/2022 às 15:39 horas.

TEIXEIRA, Igor Salomão. Hagiografia e Teologia: duas formas de pensar, narrar e organizar a cristandade no final do século XVIII. *Revista História Comparada* v. 2, n. 1 (2008). UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

TEIXEIRA, Igor Salomão. Literatura, Tempo E Verdade: O Fazer Hagiográfico Na Legenda Áurea. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 59, p. 193-216, jul./dez. 2013. Editora UFPR.

TIRAPELI, Percival. A musealização do S Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST – vol.13, no1, 2020. agrado.

TORRES, María Teresa Marín. História de la documentación museológica: la gestión de la memoria artística. Espanha, 2002.

VAUCHEZ, A. 1989. O Santo. In: LE GOFF, J. (dir.). *O Homem Medieval*. Trad. Maria Jorge V. F. Lisboa: Presença, pp. 211-230.

YASIN, Ann Marie. Sacred installations he Material Conditions of relic Collections in Late antique Churches. In: *Saints and Sacred Matter he Cult of relics in byzantium and beyond*. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data *Saints and sacred matter: the cult of relics in byzantium and beyond / edited by Cynthia Hahn and Holger A. Klein*. Washington, 2015

YASSUDA, Sílvia Nathaly. Documentação museológica : uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. Marília, 2009.

ZUPANOV, Inês “A História do Futuro”, *Cultura* [Online], Vol. 24 | 2007, posto online no dia 10 outubro 2013, consultado o 22 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/846>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.846>.



